

PRÊMIO NOVA
1989 • 1991 • 1992

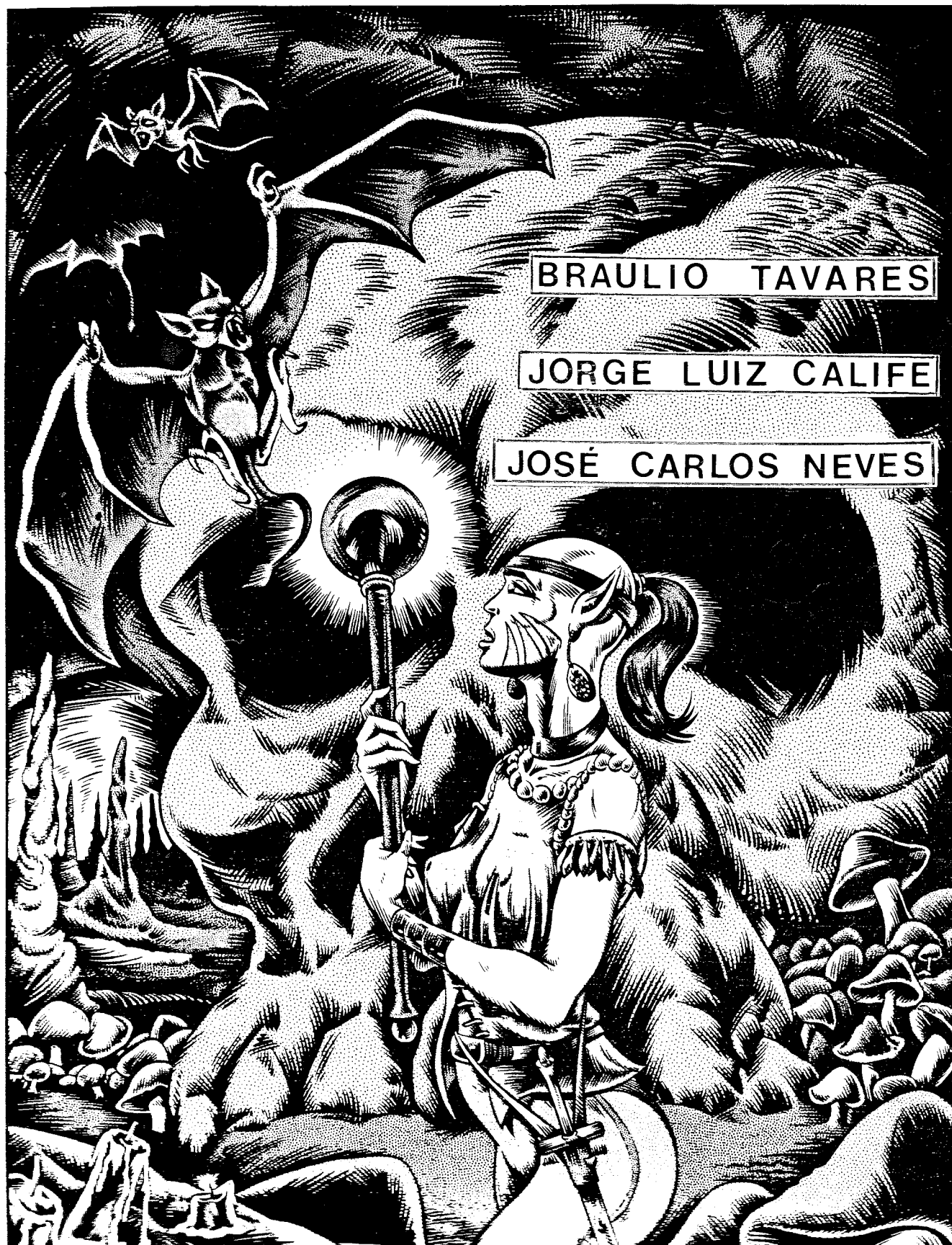
INDICADOS AO PRÊMIO TAPIRÁI 1994

MAGALLAN

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

ANO VI N. 29

JAN/FEV 1994



BRAULIO TAVARES

JORGE LUIZ CALIFE

JOSÉ CARLOS NEVES



MEGALON

Ano VI Número 29 Janeiro/Fevereiro 94

EDITOR:

Marcello Simão Branco

Fundadores:

Marcello Simão Branco e Renato Rosatti

Colaboradores: Gerson Lodi-Ribeiro, Miguel Carqueija, Orson Scott Card e Roberto de Sousa Causo

Prêmio Nova 1989, 1990 e 1992

MEGALON é uma publicação independente e não-profissional com o objetivo de divulgar e desenvolver a ficção científica do Brasil. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação do editor. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem juz a qualquer remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem necessariamente a do editor.

ENDEREÇO: MEGALON

Av. Clara Mantelli, 110
04771-180 São Paulo, SP
Brasil

ASSINATURA: US\$ 7,00 (convertidos em cruzeiros reais) por 2 edições.

Esta edição foi terminada em 6 de fevereiro de 1994

FICÇÃO CIENTÍFICA & HORROR

EDITORIAL

NOVAS BASES PARA O FANDOM EM 1994

AS REPERCUSSÕES da última edição deste fanzine ainda surte seus efeitos. Elas foram mais positivas do que poderia imaginar. Talvez pelo bom trabalho - e modéstia à parte, foi mesmo, a melhor edição de todas -, mas também, creio, pelo momento de carência de publicações de contos pelo qual passamos desde o fim da Issac Asimov Magazine e do irregularismo do Somnum. Assim, não só a Antologia Especial do Quinto Aniversário, mas as edições regulares do MEGALON vem se constituindo na modesta, mas efetiva alternativa no quadro atual.

Animado com o ótica aceitação, tentarei este ano lançar uma nova edição especial temática no final do ano. Esta será sobre ensaios e críticas sobre ficção científica, fantasia e horror. Vamos ver se repetimos o êxito do número 28. Conto com vocês.

As perspectivas deste ano se configuram na realidade, de que são os realizadores, fãs empreendedores e engajados os pilares do fandom e suas atividades. A alguns anos essa função cabia principalmente a entidades organizadas. Elas passam por crises de identidade, pois não se situam na base na qual se formaram e se assentaram. Os clubes permitiram a integração e organização do fandom, mas teve o saudável e feito de mudar sua feição e objetivos. É muito mais interessante hoje o que criam e pensam realizadores individuais que de forma plural e independente mostram seu trabalho, visão sobre o assunto e sua contribuição para o fandom.

Assim, para 1994 caminhamos para uma diversificação e aprimoração das atividades dos fãs realizadores. O que espera-se é a devida resposta dos fãs consumidores. Que deixem apenas de consumir e passem, se não, a realizar, a pelo menos apoiar de maneira efetiva. Pois não são mais clubes os responsáveis pelos destinos do fandom e sim realizadores, ainda que esta realidade, apesar de mais saudável e democrática, esteja assentada em uma base muito frágil de sustentação.

O papo está um pouco abstrato? Abstrair um pouquinho não faz mal a ninguém, especialmente a quem curte o fantástico, onde abstrair é a chave para a imaginação.

— O EDITOR

ÍNDICE

FICÇÃO

= Série		
* Neblina e a Ninja	Miguel Carqueija	18
= Contos		
* O Pássaro Ferido	Jorge Luiz Calife	21
* Cascavel	Waldir de Pinho Veloso	24

SEÇÕES

* Editorial: Novas Bases para o Fandom em 1994		2
* Diário do Fandom		
§ Nacional	Roberto de Sousa Causo	4
§ Internacional	Marcello Simão Branco	6
* Publicações Recebidas		8
* Prêmio Tapirai 1994		10
* Entrevista: Braulio Tavares	Marcello Simão Branco	14
* Paralelas & Alternativas	Gerson Lodi-Ribeiro	
£ Histórias Naturais Alternativas		27
£ Uma História Sertaneja Alternativa		28

ILUSTRAÇÕES

* Alexandre Chapeu	20
* Christian Holl (Alemanha)	CAPA
* José Carlos Neves	3,17
* Roberto Schima	5,26,30

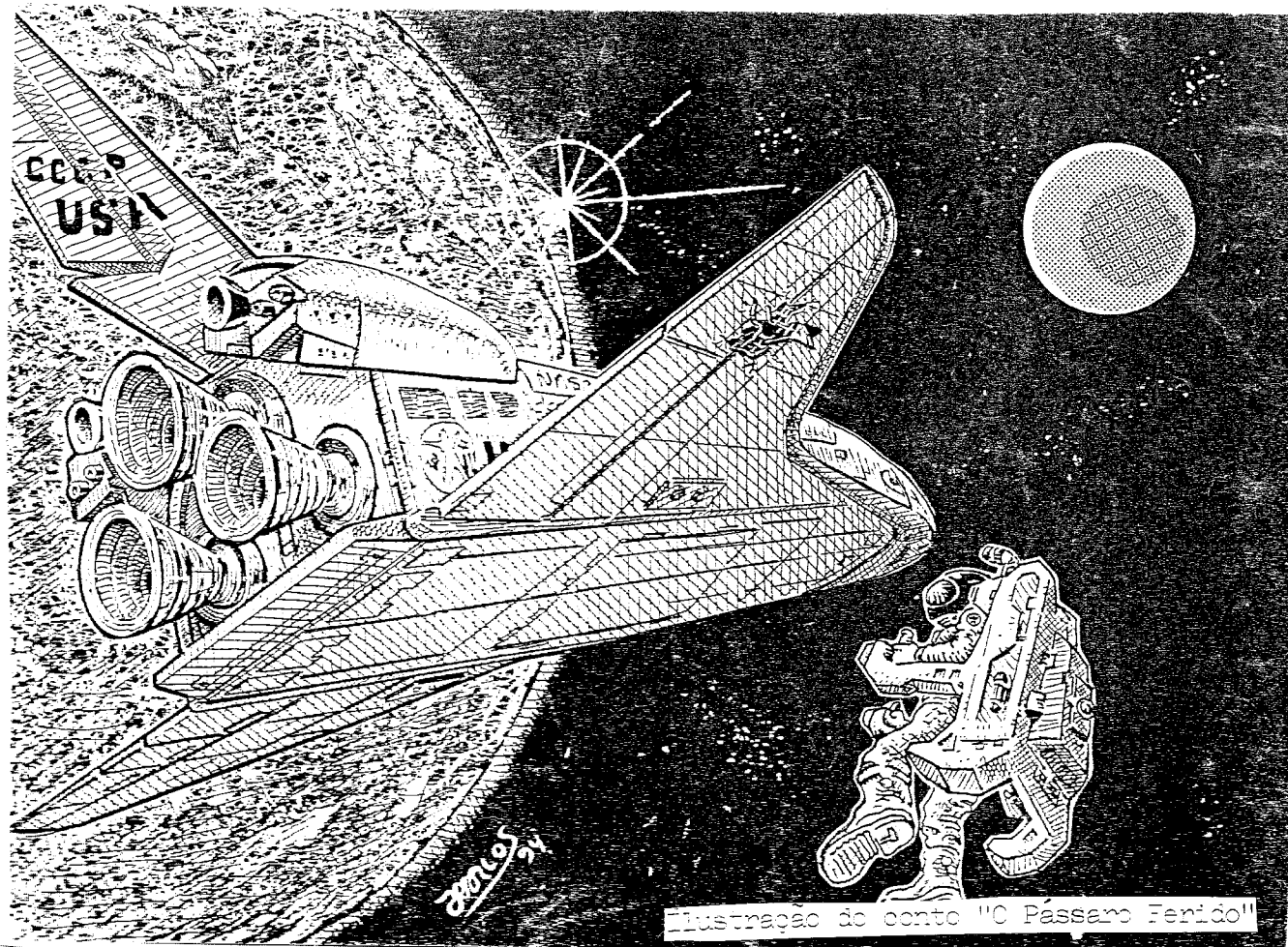


Ilustração do conto "O Pássaro Ferido"

DIÁRIO DO FANDOM

NACIONAL

por ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Eventos

* Aconteceu em 13 e 14 de novembro de 1993 a IV InteriorCon, em Sumaré, SP, com a presença de cerca de 20 pessoas, entre as quais GU MERCINDO ROCHA DÓREA, CID FERNANDEZ, GERSON LODI-RIBEIRO e IVAN CARLOS REGINA, que lançou na convenção a sua primeira coletânea de contos, O Fruto Maduro da Civilização (FC GRD 16). Importante fato ocorrido durante o evento foi a articulação de uma chapa para candidatar-se à direção do Clube de Leitores de FC, que até aquele mês não tinha conseguido apresentar nenhum candidato ao pleito. A IV InteriorCon foi, pela primeira vez, vítima de um roubo, com o desaparecimento de um material pertencente à Prefeitura de Sumaré, que emprestou o local para o evento. A direção da InteriorCon descartou a possibilidade do roubo ter sido feito pelos convencionais.

* Está marcada para 20, 21 e 22 de agosto de 1994, a I RhodanCon, convenção de fãs da série Perry Rhodan no Brasil, possivelmente com a presença de personalidades internacionais. O evento se realizará nas dependências da Gibiteca Henfil, em São Paulo. A instituição está dando grande apoio à iniciativa.

GENTE

* ROBERTO DE SOUSA CAUSO foi o responsável por um curso extracurricular na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, intitulado: "Mundo Paralelo - A Ficção Científica como uma Tradição Literária Diferenciada", entre 7 de outubro a 18 de novembro de 1993. O curso foi organizado por LYNN MÁRIO TRINDADE MENESES DE SOUSA, docente do Departamento de Letras Modernas. O curso apresentou um histórico do gênero, suas correntes, a FC do Brasil e seu atual momento. Cerca de 10 pessoas fizeram o curso, aberto a todos interessados em FC.

* LEONARDO BUSSADORI, um dos editores do fanzine E no Próximo Episódio..., apareceu no programa da TV Cultura, "Fanzine", apresentado pelo escritor MARCELO RUBENS PAIVA. O programa, claro, foi sobre séries de tv, e contou também com a presença do ex-ator CARLOS NEPESADA, o protagonista da antiga e saudosa série brasileira O Vigilante Rodoviário.

* FÉRIQUE FLORY está de volta ao Brasil, após cinco meses passados nos EUA e Inglaterra. Flory já tem novos planos para viagens à Amazônia brasileira e para a Argentina. Ele espera que as viagens redundem em novos livros de aventuras e também de ficção. Um dos

projetos é a transformação do conto "A Pedra que Canta", uma história que mostra o Brasil em guerra com a Argentina, em romance.

* DANIEL FRESNOT, autor do bom romance A Terceira Expedição, viajou, no dia 14 de janeiro, para a Europa, onde visitará a Holanda, Polônia, Lituânia e França. Na Polônia, Fresnot pretende visitar o campo de concentração de extermínio nazista de Auschwitz, como parte de uma pesquisa para uma pretendida peça teatral. Já a viagem até a Holanda faz parte da pesquisa para o romance de FC Deus do Abraão, cujo protagonista é um judeu holandês. Fresnot também objetiva com a viagem obter apoio financeiro europeu para A Moradia, a organização não governamental por ele fundada e dirigida, e cujo objetivo é conseguir a construção de moradias populares no Brasil. A organização pretende exercer atuação política junto aos responsáveis pela construção de moradias, sensibilizar a opinião pública quanto ao déficit de casas no País, promover técnicas e tecnologias que reduzissem os custos na construção de habitações populares, além de prestar ajuda concreta a famílias que hoje se encontram na rua. Para mais informações, contatem o próprio Daniel Fresnot - que volta em março da Europa - pelo fone: (011) 62 6689.

Publicações

* O autor carioca PAULO RANGEL, conhecido por sua literatura juvenil com histórias policiais, estreou a coleção de FC juvenil (aparentemente a única em vigência no País), Encontros Especiais, da Editora Ao Livro Técnico, do Rio de Janeiro. O título é Os Semeadores da Via Láctea, belamente ilustrado pelo conhecido Carlos Chagas (Veja BOX).

* A importante publicação cultural e literária da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, D.O. Leitura, lançou no início de dezembro de 1993 uma edição especial dedicada à FC do Brasil. Incluiu ensaios por BRAULIO TAVARES, ROBERTO DE SOUSA CAUSO, SILVIO ALEXANDRE, LUIZ MARCOS DA FONSECA, GERSON LODI-RIBEIRO, CESAR R.T. SILVA, IVAN CARLOS REGINA, LEO GODOY OTERO e MARLEINE PAULA MARCONDES E FERREIRA DE TOLEDO - uma grande participação dos fãs, portanto. As ilustrações ficaram a cargo do diretor de arte da publicação, IONALDO CAVALCANTI. Essa edição do D.O. Leitura, editado por WLADIMIR ARAUJO, será muito importante para a consolidação dos estudos de FC no Brasil, e já despertou repercussão positiva. Exemplos e assinaturas podem ser obtidos gratuitamente no endereço: Rua da Moóca, 1921 São Paulo, SP 03103-902.

* A revista General, das editoras Sampa/ACME, de São Paulo, publicou em seu número 2, janeiro

ro de 1994, uma seção especial sobre o Bra-
sil do Futuro, que incluiu depoimentos de
BRAULIO TAVARES, ORSON SCOTT CARD e PIERLUIGI
PIAZZI. A revista, voltada para o público
jovem, também publicou a matéria "No Futuro,
as Naves Espaciais do Brasil...", por ROGÉ-
RIO DE CAMPOS, sobre o modo como a FC tem ex-
plorado o Brasil. Também foi publicada a en-
trevista que ROBERTO DE SOUSA CAUSO teve com
BRUCE STERLING na Convenção Mundial de 1992.
Esse número contou ainda com a colaboração
de SILVIO ALEXANDRE. Aos poucos a FC vai gan-
hando meios de comunicação antes fechados
para nós.

Cinema

Acredite se quiser, com a volta dos incenti-
vos ao cinema brasileiro, até os gêneros fan-
tásticos estão ganhando produções:

= Era uma Vez. Fantasia infanto-juvenil em
cartaz nos cinemas paulistas. Belíssima foto-
grafia e competente desenho de produção che-
ga a sugerir tratar-se de uma super-produção
hollywoodiana. Mas é criatividade mesmo, pois
o orçamento é pequeno.

= A Filha do Drácula. Novo filme de IVAN CAR-
DOSO em produção, com orçamento de US\$ 650
mil. Cardoso tem tradição no Horror, se lem-
brarmos sua parceria com o quadrinhista R.F.
LUCHETTI.

= Ruas em Guerra. Uma ficção científica situ-
ada em um Brasil num futuro não muito distan-
te. A direção é de José Geraldo Couto.

Torçamos que estes filmes inalguem uma nova
corrente temática no cinema brasileiro.

EXTRAS

* PAULO RANGEL fala sobre Os Semeadores da
Via-Láctea: "Depois de muito ler, pesquisar
e debater, criei coragem para escrever este
Os Semeadores da Via-Láctea. Com o título de
Os Navegantes do Macroespaco, mandei os ori-
ginais para um concurso na União Brasileira
de Escritores do Rio de Janeiro e uma menção
especial por unanimidade foi o resultado de
minha iniciativa. Apesar desse prêmio, levei
os originais para os nossos exigentes compa-
rheiros da Oficina Literária de FC. Anotei -
e aceitei - as sugestões dos quatro leitores
especializados, e reescrevi o livro, deixan-
do a imaginação voar pela Via Láctea e lapi-
dando os mínimos detalhes de natureza cientí-
fica e linguística. Com os originais prontos,
mandei-os Ao Livro Técnico, sem lá conhecer
ninguém. Fiz isso porque alguém me disse que
eles estavam pensando em abrir uma coleção
de FC. Em um mês telefonaram-me informando
que os originais estavam aprovados e o livro
seria lançado na VI Bienal do Livro no Rio,
abrindo, junto com outros três autores, a Co-
leção Encontros Especiais somente para auto-
res brasileiros de FC. Disseram-me alguns
estudiosos de FC que meu personagem princi-
pal, Alex Tocantins, é o primeiro herói ga-

lático brasileiro. Será? Muita gente me di-
zia que seria inverossímil escrever uma nove-
la de FC tendo como comandante de uma nave
côsmica um cabra da peste chamado Severino
do Aracaju. Ou José de Souza. Resolvi enfren-
tar esse desafio. Um país que produziu Santos
Dumont, Pelé, Ayrton Senna, Piquet, Fittipal-
dis, foi tricampeão de futebol e campeão de
volei masculino, pode muito bem dar origem a
Alex Tocantins".

ELEIÇÃO NO CLFC --- Depois de acertada na IV
InteriorCon, foi definida uma chapa para a
difícil sucessão da atual diretoria na Assem-
bléia Geral do Clube em 27/11/93. Foi marcada
também a data para a apresentação de uma cha-
pa concorrente (até 15/01/94) e eleição para
o dia 29/01/94. Surpreendentemente, porém, ao
invés dos sócios receberem a cédula para vo-
tar, receberam o Informativo Mensal CLFC, nº
21, janeiro de 94, mudando as datas e nao de-
finindo os nomes da chapa que já estavam acer-
tados, quando da Assembléia. Isso provocou
reações indignadas por parte da maioria dos
sócios presentes no dia 29/01. E a razão é
simples e grave: o Estatuto do CLFC foi viola-
do. Os responsáveis pelo cumprimento das deci-
sões da Assembléia (a Diretoria) e, diretamen-
te, o editor do Infortmativo e Secretário Exe-
cutivo, R.C. NASCIMENTO, não observou a letra
do Estatuto - que reza que o órgão supremo da
associação é a Assembléia, ela tem poder de
decisão e deliberação maior que a Diretoria.
Assim, devido à não informação do quadro soci-
al da data correta acertada na Assembléia, foi
estabelecido que a eleição fica para o dia
26/02/94, conforme dispôs erroneamente o In-
formativo. Absolutamente lamentável e injusti-
ficável o episódio. Abre um precedente perigo-
so e coloca a credibilidade da entidade em
xeque. Da Diretoria, após tudo isso, esperava-
-se prontos esclarecimentos. Mas o que se ob-
servou foi informações desincontradas e con-
traditórias na reunião do dia 29. Ao que pare-
ce tudo terminará em pizza...

(assina a notícia acima Marcello Simão Branco)



* GUERREIRO ROCHA DÓREA representou o fandom brasileiro comparecendo na 51ª Convenção Mundial de FC, a ConFrancisco, em San Francisco, CA, de 2 a 6 de setembro de 1993. Esteve com ele no evento HENRIQUE FLORY. Dórea foi financiado pelo Brazilian Fan Fund, um comitê de fãs brasileiros que se incumbiram da tarefa de anualmente enviar um representante do Brasil na World Con. Também ORSON SCOTT CARD, BRUCE STERLING e JOE HALDEMAN participaram, se já financeiramente (CARD), seja doando livros para arrecadação dos fundos.

Para 1994, deverá haver um leilão para arrecadação dos fundos para o envio de mais um fã brasileiro. JOSÉ CARLOS NEVES, escritor, editor e ilustrador foi convidado e deve responder em breve. Para colaborar, envie doações e sugestões para: Brazilian Fan Fund Rua André Dreifus, 109 ap. 163 Bloco 2 São Paulo, SP Brasil 01252-901.

* O fanzine Hiperespaço vem com uma ótima novidade em seu nº 24: promove um concurso de contos "ultra curtos". O trabalho deve ter, no máximo 50 palavras, ser coerente e completo". Os contos devem ser enviados para Caixa Postal 375 Santo André, SP 09001-970. Todos os contos serão publicados na próxima edição do Hiper e os diretores da SBAF escolheram o melhor que dará a seu autor um livro de FC. Vamos participar!!!

INTERNACIONAL

por MARCELLO SIMÃO BRANCO

Prêmios

* Prêmio HUGO 1993

- = Melhor Romance: A Fire Upon the Deep, Vernor Vinge (Tor) e Doomsday Book, Connie Willis (Bantam)
- = Melhor Novela: "Barnacle Bill the Spacer", Lucius Shepard (Asimov's 7/92)
- = Melhor Noveleta: "The Nutcracker Coup", Janet Kagan (Asimov's 12/92)
- = Melhor Conto: "Even the Queen", Connie Willis (Asimov's 4/92)
- = Melhor Não-Ficção: A Wealth of Fable: An Informal History of Science Fiction Fandom in the 1950's, Harry Warner, Jr. (Scifi)
- = Melhor Editor Profissional: Gardner Dozois
- = Melhor Artista Profissional: Don Maitz
- = Melhor Trabalho de Arte Original: Dinotopia, James Gurney (Turner)
- = Melhor Apresentação Dramática: "The Inner Light", Star Trek: The Next Generation (Paramount Television)
- = Melhor Semi-Prozine: Science Fiction Chronicle, Andrew Porter, editor

- = Melhor Fanzine: Mimosa, Dick e Nicki Lynch, editores
- = Melhor Escritor-Fã: Dave Langford
- = Melhor Artista-Fã: Peggy Ranson
- = Prêmio John Campbell (para o escritor revelação do ano): Laura Resnick
- * Prêmio LOCUS 1993
- = Melhor Romance de FC: Doomsday Book, Connie Willis
- = Melhor Romance de Horror: Children of the Night, Dan Simmons
- = Melhor Romance de Fantasia: Last Call, Tim Powers
- = Melhor Romance de Estréia: China Mountain Zhang, Maureen F. McHugh
- = Melhor Novela: "Barnacle Bill the Spacer", Lucius Shepard
- = Melhor Noveleta: "Danny Goes to Mars", Pamela Sargent (Asimov's 10/92)
- = Melhor Conto: "Even the Queen", Connie Willis
- = Melhor Não-Ficção: Dinotopia, James Gurney
- = Melhor Coletânea: The Collected Stories of Robert Silverberg, Vol. 1: Secret Sharers, Robert Silverberg
- = Melhor Antologia: The Year's Best Science Fiction: Ninth Annual Collection, Gardner Dozois, editor
- = Melhor Revista: Asimov's Science Fiction
- = Melhor Editora: Tor/St. Martin's
- = Melhor Editor: Gardner Dozois
- = Melhor Artista: Michael Whelan
- * Prêmio World Fantasy 1993
- = Prêmio pelo Conjunto da Obra: Harlan Ellison
- = Melhor Romance: Last Call, Tim Powers
- = Melhor Novela: "The Ghost Village", Peter Straub
- = Melhor Conto: "Graves", Joe Haldeman e "This Year's Class Picture", Dan Simmons
- = Melhor Coletânea: The Sons of Noah, Jack Cady
- = Melhor Antologia: Metahorror, Dennis Etchison, editor
- = Melhor Artista: James Gurney
- = Prêmio Especial/Profissional: Jeanne Cavellos, Dell Abyss
- = Prêmio Especial/Não-Profissional: Doug & Tomi Lewis, Roadkill Press

- * Prêmio Bram Stoker 1993
- = Melhor Romance: Blood of the Lamb, Thomas F. Monteleone (Tor)
- = Melhor Romance de Estréia: Sineater, Elisabeth Massie (Pan)
- = Melhor Noveleta: Aliens: Tribes, Stephen Bissete (Dark Horse Comics) e "The Events Concerning a Nude Fold-Out Found in a Harlequin Romance", Joe R. Lansdale (Dark at Heart)
- = Melhor Conto: This Year's Class Picture, Dan Simmons (Still Dead)
- = Melhor Coletânea: Mr. Fox and Other Feral Tales, Norman Partridge (Roadkill Press)
- = Melhor Não-Ficção: Cut! Horror Writers on Horror Film, Christopher Golden, editor (Berkley)
- = Prêmio pelo Conjunto da Obra: Ray Russell
- * Prêmio British Science Fiction 1993
- = Melhor Romance: Red Mars, Kim Stanley Robinson (Harper Collins)
- = Melhor Ficção Curta: "The Innocents", Ian McDonald (New Worlds 2)
- = Melhor Trabalho de Arte: Jim Burns (capa de Hearts, Heads and Voices)
- * Prêmio Chesley 1992
- = Melhor Ilustração de Livro Capa Dura: Don Maitz (Magician)
- = Melhor Ilustração de Livro Capa Mole: David Cherry (Sword and Sorceress IX)
- = Melhor Ilustração de Capa de Revista: Michael Whelan (Asimov's 11/92)
- = Melhor Ilustração Interior de Livro/Revista: Alan M. Clark, "Poles Apart" (Analog mid-12/92)
- = Melhor Trabalho Colorido Não-Publicado: Janny Wurtz, "The Wizard of Owis"
- = Melhor Trabalho em Monocromo Não-Publicado: David Cherry, "Tag, You're It"
- = Melhor Arte Tridimensional: Gary Persello, "Reflection"
- = Melhor Diretor de Arte: Jamie Warren Youll, Bantam Books
- = Prêmio de Contribuição Artística: James Gurney
- = Prêmio por Contribuição à Artists Science Fiction Association (ASFA): Ingrid Neilson

PESSOAS E PUBLICAÇÕES

- * Os Vencedores do L.Ron Hubbard's Writers and Illustrators Future Contest foram anunciados dia 25 de setembro em Hollywood:
- * Melhor Conto: "Adjusting the Moon", Karawynn Long
- * Melhor Ilustrador: Denis Martyneq, da Corânica

Cada um recebeu um troféu e US\$ 4 mil. O concurso é aberto a autores e artistas de todo o mundo, desde que enviem seus trabalhos na língua inglesa. P.O. Box 1630 Los Angeles, California, USA.

* Ainda sobre o concurso acima, TIM POWERS e ORSON SCOTT CARD são os novos integrantes do júri para este ano de 1994.

* E por falar em ORSON SCOTT CARD, ele deve suspender sua participação com a coluna "Books to Look For" em Fantasy & Science Fiction.

* A revista Famous Monsters of Filmland comemorou em grande estilo seu número 200. Editada por FORREST J. ACKERMAN, promoveu um importante encontro com figuras legendárias do cinema e literatura dos gêneros fantásticos.

* ROBERTO DE SOUSA CAUSO publicou mais um "Science Fiction in Brazil" na Locus. Mega-lon e outras publicações brasileiras também foram resenhadas na prestigiosa revista.

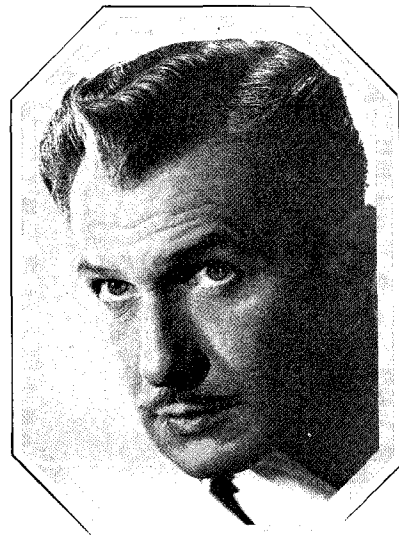
* LARRY NIVEN está escrevendo o terceiro livro, da agora trilogia, Ringworld para a Del Rey.

* ARTHUR C. CLARKE está supervisionando Rama Tapestry, série de TV, produção da Sony/Columbia. O seriado será baseado nos livros da série Rama.

* Amazing Stories deixa de ser mensal devido à crise financeira que atravessa em decorrência dos poucos assinantes. A revista será remodelada em seu visual (que já é lindo) e deverá voltar em julho e ser trimestral.

OBITUÁRIO

* Conforme já bastante noticiado, faleceu em 25 de outubro do ano passado, de câncer, o ator VINCENT PRICE, em Los Angeles, aos 82 anos. Price começou sua carreira nos anos 30, atuou em clássicos como Laura (Otto Preminger, 1940), mas obteve consagração em seus papéis em filmes de horror. Personagens inesquecíveis, como o adorável sádico Dr. Phibes. Price não era propriamente um ator talentoso. Seu mérito (e muito grande) foi a dedicação e carisma que emprestou por mais de 50 anos ao cinema e, mais significativamente, ao gênero Horror, do qual é uma figura legendária.



PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

LIVROS

* OS SEMEADORES DA VIA LÁCTEA, Paulo Rangel. Editora Ao Livro Técnico, 122 páginas. Space-Opera bem recomendada. O autor, sócio do CLFC, recebeu uma menção honrosa por este trabalho da União Brasileira de Escritores e passou por uma revista, de sócios do CLFC-RJ. Aventura intergaláctica bem depurada, portanto. Escreva à editora: Rua Bela, 611 20930-381 Rio de Janeiro, RJ.

* O FRUTO MADURO DA CIVILIZAÇÃO, Ivan Carlos Regina. Coleção GRD nº 16, 82 páginas. O mais significativo lançamento da FC brasileira em 93, reúne contos premiados e inéditos de um dos mais originais autores da FC brasileira. Obrigatório! Rua 13 de Maio, 361 01327-020 São Paulo, SP

* Moto-Contínuo, Luiz Carlos Marques Silva. João Scortecci Editora, 44 páginas. Coletânea com 15 contos curtos. Publicação do autor, novo e jovem talento que surge no cenário: Caixa Postal 11481 05422-970 SP/SP.

* A BOMBA, Luiz Carlos Marques Silva. João Scortecci Editora, 82 páginas. Pequeno romance mainstream sobre o cotidiano de um grupo de adolescentes em um colégio. Tanto neste como no outro livro, Marques revela bom domínio narrativo e senso dramático. Falta caracterizar melhor seus personagens. Vale conhecer. Mesmo endereço acima.

INTERNACIONAL

* FANDOM, Miguel A. Martínez, editor. Publicação espanhola semi-profissional de alto nível. Número 10/11, 1993, 72 páginas. Contém listas, resenhas, notícias sobre publicações da Espanha, Europa, EUA e do Brasil. Apdo. 53019 28080 Madri, Espanha.

* Writers of the Future. Dave Wolverton, editor, volume IX, 418 páginas. Antologia anual com os vencedores do prestigiado concurso organizado em homenagem ao escritor L. Ron Hubbard. 17 contos, artigos e ilustrações compõem o volume. Bridge Publications, 4751 Fountain Avenue, Los Angeles, CA, 90029, United States of America.

* EuroCon - Progress Report nº 1. Boletim informativo a respeito da Convenção Europeia de FC de 1994, a ser realizada em Timisoara, Romênia, de 26 a 29 de maio. Informações, histórico das EuroCon, atrações para este ano, um pouco da FC romena e sobre o País e como participar do evento. O conteúdo é muito bom, mas o acabamento, diagramação e ilustrações deixam a desejar. Romanian SF Association, Str. Paris nr.1, 1900, Timisoara, Romania.

misoara, Romania.

PERIÓDICOS

* D.O. LEITURA. Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, nº 138, novembro de 1993. Uma edição totalmente dedicada à FC brasileira!!! Artigos e ensaios de Roberto de Sousa Causo, Braulio Tavares, Gerson Lodi-Ribeiro e outras figuras de peso do gênero no Brasil. Uma das publicações mais importantes do ano para a ficção científica do Brasil. Peça o seu, é grátis! Rua da Moóca, 1921 São Paulo, SP 03103-902.

* DIRETÓRIO DE PUBLICAÇÕES. Editado pela SBAF, por iniciativa de Roberto de Sousa Causo. Guia para pesquisadores e colecionadores de FC&F do Brasil. Peça o seu: Rua André Dreifus, 109, ap. 163 bl.2, S. Paulo, SP 01252-900.

* InteriorCon IV - Relatórios de Progresso 1 e 2. Edição de Roberto de Sousa Causo. Contém informações gerais sobre o evento, seu histórico, atrações. Iniciativa inédita e das mais elogiáveis. Rua André Dreifus, 109, ap. 163 bl.2, S. Paulo, SP 01252-900.

FANZINES

* CARDOGRAFIA. Roberto de Sousa Causo, editor. Número 1, capa do Causo, bilingue (português e inglês), 28 páginas. Fanzine dos fãs de Orson Scott Card. Artigos do Causo e de Scott Card. Aceita colaborações que versem sobre a obra do autor americano. Compre! Rua André Dreifus, 109, ap. 163 bl.2, S. Paulo, SP 01252-900.

* CONFEDERAÇÃO NIETS. Wendell Stein, editor. Números 2 e 3, 18 e 20 páginas. Zine que procura seu espaço e evolução. Stein tem muita vontade, tem conseguido gente boa em seu fanzine (Neves, Calife, Causo), mas precisa melhorar o acabamento, diagramação e conteúdo que não é dos melhores. Vamos ajudar o NIETS, colaborando, assinando: Rua José Barroca, 5 Sumaré, SP 13170-330.

* DIÁRIO DE BORDO, Silvio Alexandre, editor. Publicação da N2 Cultural e Editorial Ltda, sob supervisão da Frota Estelar Brasileira. Ano III, nº 14, 20 páginas, capa e contra-capas coloridas. Artigos sobre Star Trek (lamentável pirataria de revistas americanas...), sobre FC, curiosidades científicas e um conto de Ivan Carlos Regina. Tiragem de centenas de exemplares, bela produção e diagramação. Mas chamar o DB de "primeiro semi-prozine da FC brasileira" é um tremendo exagero: falta profissionalismo e conteúdo de melhor qualidade. Apóie! Caixa Postal 14592 S. Paulo, SP 03698-970.

* HIPERESPACO. Cesar R.T. Silva e José Carlos Neves, editores. N^{os} 23 e 24, outubro 1993 e janeiro 1994, 16 páginas, cada um, formatinho. No n^o 23, destaques para a entrevista com o quadrinhista Mozart Couto, artigo de JC Neves sobre os dez anos de Hiperespaço; no 24, bom conto de JC Neves situado em plena Guerra do Vietnã e um encarte, "Boletim do Nova 93" com os concorrentes, regulamento e cédula para votar - pena que a listagem esteja com muitas falhas e omissões, o que a invalida totalmente. Colabore, assine! Caixa Postal 375 Santo André, SP 09001-970.

* INFORMATIVO PERRY RHODAN. Alexandre Pereira dos Santos, editor. Número 11, set/dez 93, 8 páginas, formatinho. Importante retorno de um dos mais autênticos zines nacionais. Notícias, resumos, ilustrações do universo rodaniano. Apóie! Rua André Marques, 209, ap. 9 97010-041 Santa Maria, RS.

* INFORMATIVO DE QUADRINHOS INDEPENDENTES. Edgard Guimaraes, editor. N^{os} 3 (jul/ago), 4 (set/out), 5 (nov/dez) e 6 (jan/fev, 94), formatinho, todos com 8 páginas. Competente informativo e divulgador de fanzines de HQ. Vale a pena: Praça Monsenhor Noronha, 21 37530-000 Brasópolis, MG.

* JetCom. Cristina Nastasi, editora. Números 12 (mar/abr) e 13 (mai/jun) de 93, 16 e 12 páginas. Estes zines nos chegaram atrasados. No momento o único fanzine carioca da FC brasileira passa por um "período de reestruturação", segundo sua editora. Vamos torcer para que volte logo. Estes N^{os} contém artigos, notícias, curiosidades sobre Star Trek, claro. Caixa Postal 873 Rio de Janeiro, RJ 20001-970.

* JUVENATRIX. Renato Rosatti, editor. Números 8 (julho) e 9 (dez.) de 93, 24 e 22 páginas. O n^o 8 tem um ótimo texto sobre Frankenstein, contos estrangeiros, importante artigo sobre a vida de H.P. Lovecraft. O n^o 9, é dedicado a Vincent Price (recém-falecido), mais contos e um bom ensaio sobre Mad Max. Um zine cheio de atrações, caprichado, que precisa muito de colaboradores! Vamos lá! Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo, SP 04773-070.

* NOTÍCIAS DO FIM DO NADA. Ruby Felisbino Mendes, editor. N^{os} 18 (ago/set) e 19 (out/nov/dez) de 93, 34 páginas, ambos. Notícias, artigos, curiosidades, ilustrações e o imperdível "Acervo Bibliográfico da FC em Língua Portuguesa - Contos", publicando algumas letras em cada edição. Assine, colabore! Rua Comendador Azevedo, 506 Porto Alegre, RS 91220-150.

* PAPÉRA UIRANDÊ. Roberto de Sousa Causo, editor. Número 8, outubro 93, 28 páginas. Artigos, resenhas e críticas de Causo, Flory, Flórisia, mais as participações de Daniel Fresnet e de Thereza Monteiro, filha do pioneiro

da FC brasileira Jeronymo Monteiro. Conteúdo ótimo; falta mais regularidade e capricho no visual. Colabore! Rua André Dreifus, 109 ap. 163 bloco 2 São Paulo, SP 01252-901.

* SOMNIUM. R.C. Nascimento, editor. N^{os} 58 e 59, segundo semestre de 93, formatinho, 78 páginas cada um. Edições com o alto nível habitual do maior e mais bem produzido zine de FC do Brasil. Notícias, artigos, contos, ilustrações de nomes como Schima, Causo, Braulio, Ivan, Fábio Fernandes, André Carneiro, mais colaboradores internacionais americanos, argentinos, portugueses. Não perca! E aproveite e se associe ao CLFC: Caixa Postal 2209 São Paulo, SP 01060-970.

* TREKKER REPORT. André Luís Guerra, editor. Número 3, junho 93, formatinho, 16 páginas. Artigos, notícias, curiosidades sobre Star Trek. O visual é bom; o conteúdo precisa de melhoras. Também está na "zona neutra" devido do voltar neste ano. Assine! Rua Serra de Bragança, 1363, ap. 142 São Paulo, SP 03318-000.

* WARP 9. Paolo Fabrizio Pugno & Ivo Luiz Heinz, editores. Volume 2, n^{os} 3 (jul/Ago), 4 (set/out), 5 (nov/dez) de 1993 e Volume 3, n^o 1 (jan/fev) de 1994. Todos com 22 páginas. O melhor trekker-zine brasileiro, o zine mais regular de todo o fandom de FC, tiragem centenária, ótima diagramação por computador, o único além do Megalon a patrocinar um evento anual com seus leitores - no caso, o "Star Cup", de projetos de naves estelares. Afora isso tudo, também tem publicado contos baseados no background da série. Os editores recebem de público meus cumprimentos pelo ótimo trabalho que vem desenvolvendo. Não perca este fanzine, imperdível para trekkers, importante para todo fã de FC. Rua Joao Barbosa, 53 03323-030 São Paulo.

* ZINE HQ. Daniel Pereira dos Santos, editor. N^o 1, agosto/setembro 1993, formatinho, 12 páginas. Personal zine de HQ do irmão do batalhador editor do IPR. Quadrinhos com personagens criados pelo Daniel e de Perry Rhodan. Av. 7 de Setembro, 170 Bagé, RS 96400-000.

VAMOS APOIAR, COLABORAR, ASSINAR OS FANZINES BRASILEIROS DE FICÇÃO CIENTÍFICA!!! ELES SÃO A BASE DE SUSTENTAÇÃO DE UM FANDOM ORGANIZADO!

PRÊMIO TAPIRÀI 1994

Aqui estamos com a terceira edição do Prêmio Tapirài. Um prêmio criado com o objetivo de registrar, reconhecer e incentivar a produção amadora de ficção científica, fantasia e horror dos fãs brasileiros nos fanzines em circulação.

Ao que parece, o Tapirài achou sua feição correta a partir do ano passado. Para este ano, não há nenhuma modificação no que tange a categorias e regulamento. As categorias a serem votadas a partir dos indicados a seguir, são: Melhor Ficção Curta, Melhor Editor, Melhor Trabalho de Não-Ficção e Melhor Ilustrador.

Atenção para os critérios de votação:

* Segue em anexo, a ficha de votação. Se possível, vote em todas as categorias e nos cinco de sua preferência. Caso isso não seja possível, cada categoria votada deve ter no mínimo três votos consecutivos. Não podem ser alternados.

* Se você estiver concorrendo com algum trabalho em uma ou mais categorias fica vedado o voto em seus próprios trabalhos. Se o fizer não contará pontos.

* O critério de votação é o seguinte: 1º Lugar, 6 pontos; 2º Lugar, 4 pontos; 3º Lugar, 3 pontos; 4º Lugar, 2 pontos e 5º Lugar, 1 ponto.

* Os resultados serão divulgados pelo MEGALON na próxima edição. Os vencedores de cada categoria recebem um certificado como símbolo da conquista. E este certificado será entregue na cerimônia comemorativa a ser marcada.

Três observações:

- 1º - Os trabalhos concorrem levando em consideração a época em que realmente foram publicados, e não à data em que deveria ser publicado.
- 2º - O Tapirài refere-se a trabalhos de brasileiros. Estrangeiros que colaborem com fanzines nacionais não estão concorrendo.
- 3º - O editor do MEGALON não concorre ao prêmio.

ATENÇÃO: DATA FINAL PARA ENTREGA DOS VOTOS - 5 DE ABRIL

= MELHOR EDITOR

- Alexandre Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan)
- André Luís Guerra (Trekker Report)
- Cesar R.T. Silva (Hiperespaço)
- Christiano de Mello Nunes (Galileo)
- Cristina Nastasi (JetCom)
- Ivo Luiz Heinz (Warp 9)
- José Carlos Neves (Hiperespaço)
- Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- Paolo Fabrizio Pugno (Warp 9)
- Renato Rosatti (Juvenatrix)
- R.C. Nascimento (Somnium)
- Roberto de Sousa Causo (Papêra Uirandê, Cardografia)
- Ruby Felisbino Medeiros (Notícias do Fim do Nada)
- Silvio Alexandre (Diário de Bordo)
- Wendell Stein (Confederação Niets)

= MELHOR ILUSTRADOR

- Adalberto dos Santos (Notícias do Fim do Nada)
- Alexandre Ramos Mastrella (Megalon)
- Cesar R.T. Silva (Hiperespaço, Juvenatrix, Megalon, Papêra Uirandê)
- Daniel Pereira dos Santos (Confederação Niets, Informativo Perry Rhodan)
- Erio Rodrigo (Confederação Niets)
- Eduardo Canha (Hiperespaço)
- Giorgio (Somnium)

- Guilherme Briggs (JetCom)
- Henry Jaepelt (Hiperespaço)
- João Artur Fortunato (Notícias do Fim do Nada)
- José Carlos Neves (Confederação Niets, Juvenatrix, Megalon)
- Kleber Inácio Luz (Megalon)
- Leonardo Bussadori (JetCom, Warp 9)
- Luiz E.L. Castro (Hiperespaço)
- Luiz Zatar (Megalon)
- Maurício Tavares (Megalon)
- Mozart Couto (Hiperespaço)
- Roberto de Sousa Causo (Cardografia, Confederação Niets, Diário de Bordo, Informativo Perry Rhodan, Megalon, Papêra Uirandê, Somnium)
- Roberto Schima (Juvenatrix, Megalon, Notícias do Fim do Nada, Somnium)
- Zeo (Megalon, Somnium)

= MELHOR TRABALHO DE NÃO-FICÇÃO

- Alexandre Pereira dos Santos (Informativo Perry Rhodan)
- Alysson Fábio Ferrari (Juvenatrix, Notícias do Fim do Nada, Papêra Uirandê)
- André Carneiro (Somnium)
- André Luís Guerra (Trekker Report)
- Anna Creuza Zacharias (JetCom)
- Braulio Tavares (Somnium)
- Carlos Alberto Angelo (Somnium)
- Cesar R.T. Silva (Hiperespaço, Juvenatrix, Megalon)
- Cesar Tiozzi (Warp 9)
- Cristina Nastasi (JetCom)
- Christiano de Mello Nunes (Galileo)
- Claudia Freitas (JetCom)
- Daniel Fresnot (Papêra Uirandê)
- Fábio Fernandes (Somnium)
- Fátima Botelho de Brito (JetCom)
- Fernando Maffia (Trekker Report)
- Finisia Fideli (Papêra Uirandê, Somnium)
- Fritz Peter Bendinelli (Juvenatrix)
- Gabriel de Paula Machado (Somnium)
- Gerson Lodi-Ribeiro (Megalon, Somnium)
- Gilberto Schoereder (Juvenatrix)
- Henrique Flory (Papêra Uirandê)
- Ivan Carlos Regina (Somnium)
- Ivo Luiz Heinz (Diário de Bordo, Somnium, Warp 9)
- Jesus de Paula Assis (Diário de Bordo)
- Jorge Luiz Calife (Confederação Niets, Juvenatrix, Megalon, Papêra Uirandê)
- José Carlos Neves (Hiperespaço, Juvenatrix)
- José dos Santos Fernandes (Somnium)
- José Paulo Paes (Diário de Bordo)
- Julio Aires Monte-Maia (Trekker Report)
- Luiz A. Navarro (Diário de Bordo)
- Marco Antonio Puppo (Trekker Report)
- Marcos Akio Katsutani (Informativo Perry Rhodan)
- Miguel Carqueija (Megalon)
- Norma Medeiros (Notícias do Fim do Nada)
- Paolo Fabrizio Pugno (Warp 9)
- Paulo Maffia (Trekker Report)
- Renato Rosatti (Juvenatrix)
- R.C. Nascimento (Papêra Uirandê, Somnium)
- Roberto de Sousa Causo (Cardografia, Confederação Niets, Juvenatrix, Megalon, Papêra Uirandê, Somnium)
- Roger Israel Feller (Warp 9)
- Ruby Felisbino Medeiros (Informativo Perry Rhodan, Notícias do Fim do Nada, Somnium)
- Silvio Alexandre (Diário de Bordo)
- Thereza Monteiro (Papêra Uirandê)
- Wendell Stein (Confederação Niets)
- Leonardo Bussadori (JetCom)

- "Predador", Adalberto dos Santos (Notícias do Fim do Nada 16)
- "O Fim do Começo", Adalberto dos Santos (Notícias do Fim do Nada 16)
- "A Última Invasão", Adalberto dos Santos (Notícias do Fim do Nada 17)
- "Será Que?", Adalberto dos Santos (Notícias do Fim do Nada 18)
- "O Segredo", Adalberto dos Santos (Notícias do Fim do Nada 19)
- "USS Excalibur", Agnelo Fleury Junior (Warp 9 5)
- "Realidade Alternativa", Alexandre P. dos Santos (Informativo Perry Rhodan 7)
- "Um Encontro com Ennox", Alexandre P. dos Santos (Informativo Perry Rhodan 8)
- "Estou Aqui!!!!", Alysson F. Ferrari (Megalon 26)
- "O Esticamento Temporal", Alysson F. Ferrari (Vortex 6)
- "O Carrão (Viva a Cibernética!)", Alysson F. Ferrari (Juvenatrix 7)
- "A Imortalidade", Alysson F. Ferrari (Juvenatrix 8)
- "A Raposa", Alysson F. Ferrari (Juvenatrix 9)
- "Os Seres de Luz", Alysson F. Ferrari (Notícias do Fim do Nada 17)
- "A Máquina do Conhecimento", Alysson F. Ferrari (Notícias do Fim do Nada 19)
- "Estilhaços", Anna Creuza Zacharias (Megalon 28)
- "Saudades de Matão", Braulio Tavares (Megalon 28)
- "O Assassino", Carlos Orsi Martinho (Megalon 24)
- "O Macarrão Instantâneo", Carlos Orsi Martinho (Megalon 28)
- "Vampiros", Carlos Orsi Martinho (Somnium 59)
- "O Planeta Vermelho", Carlos Orsi Martinho (Juvenatrix 7)
- "O Último Suspiro", Cesar R.T. Silva (Megalon 28)
- "Terra", Cesar R.T. Silva (Juvenatrix 7)
- "Visita à Mente Borg - Projeto 'Fusão', Cesar Tiozzi (Warp 9 3,4 e 5)
- "I.A. ou 'Papo de Botequim", Christiano de Mello Nunes (Warp 9 3)
- "Missões do Serviço Secreto da Federação", Christiano M. Nunes & Jonas Pinheiro (Warp 9 5)
- "Quedas", Cid Fernandez (Megalon 28)
- "A Vida e a Vida de Dino Fontana", Daniel Fresnot (Megalon 25)
- "Exit", Daniel Fresnot (Megalon 28)
- "USS Tupã", Daniel S. Takasugi (Warp 9 5)
- "Alta Temporal", Gerson Lodi-Ribeiro (Megalon 28)
- "Todo o Silício do Mundo", Gerson Lodi-Ribeiro (Vortex 6)
- "Sem Título ou Acaso a Linha Caia", Eduardo Canha (Hiperespaço 23)
- "Epifanias das Baratas Marcianas", Enio Rodrigo (Confederação Niets 2)
- "As Múltiplas Existências de Áries", Finísia Fideli (Megalon 28)
- "O Corredor da Morte", Henrique Flory (Megalon 28)
- "Sabê-lo é Tê-lo", Ivan Carlos Regina (Megalon 28)
- "Piloto de Provas", Jorge Luiz Calife (Megalon 28)
- "Surya", José Carlos Neves (Somnium 57)
- "Soldadinhos de Chumbo Não Tem Sangue", José Carlos Neves (Confederação Niets 3)
- "USS Universe", Luciano Peccerini & Juliano Redigolo (Warp 9 4)
- "A Voz deste Apelo", Lucio Manfredi (Megalon 26)
- "Um Corpo Estranho", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "Antam", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "O Guarda Chuva no Telhado", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "Amigos do Lar", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "O Estranho Professor", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "Uma Questão de Ponto de Vista", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "Moto-Contínuo", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "As Portas do Infinito", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "O Poço", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "A Sonda", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "Flores na Lua", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "Carne de Macacos", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "A Perda da Voz", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "O Interior da Matéria", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "A Chuva", Luiz Carlos Marques Silva (Moto-Contínuo)
- "Nuvem", Luiz Zatar (Megalon 25)
- "Bawldam - Boffiern Máquinas Pesadas: Projeto Meca", Maurício Tavares (Hiperespaço 21)
- "O Que Existe entre as Estações de Metrô", Miguel Carqueija (Megalon 24)
- "Avaliação Funcional", Miguel Carqueija (Megalon 28)
- "Ah, é?", Miguel Carqueija (Juvenatrix 9)
- "Esgotamento", Miguel Carqueija (Juvenatrix 9)
- "Carta de um Piloto Espacial ao seu Comandante", Miguel Carqueija (Hiperespaço 22)

- "A Questão dos Sacudeus", Nilson Figueiredo (Somnium 59)
- "A Visita", Norton Coll (Megalon 28)
- "Gente de Letras", Norton Coll (Somnium 58)
- "Jornada do Pavor", Renato Rosatti (Megalon 28)
- "Rabukhói", Ricardo C. de Moraes (Somnium 58)
- "Introdução à Psiconáutica Elementar", Ricardo Jorge Teixeira Martins (Somnium 58)
- "O Vento da Morte", Ricardo Magagnin (Somnium 58)
- "Tatu", Roberto de Sousa Causo (Megalon 27)
- "Infiltrado", Roberto de Sousa Causo (Megalon 28)
- "Carne e Aço", Roberto de Sousa Causo (Confederação Niets 1)
- "Acenda uma Fogueira", Roberto de Sousa Causo (Papêra Uirandê 7)
- "Severino e a Simbiose", Roberto Schima (Megalon 28)
- "O Clarão Azulado", Roberto Schima (Somnium 57)
- "Ao Encontro do Sonho", Roberto Schima (Somnium 58)
- "Presente de Natal", Roberto Schima (Somnium 59)
- "Contra-Ataque", Roberto Schima (Vortex 6)
- "Alienígenas", Rubens de Azevedo (Somnium 57)
- "A Imagem da Divindade", Rubens Teixeira Scavone (Megalon 28)
- "A Invasão", Ruby Felisbino Medeiros (Notícias do Fim do Nada 18)
- "As Agulhas", Ruby Felisbino Medeiros (Notícias do Fim do Nada 19)
- "O Candeeiro", Simone Saueressig (Megalon 28)
- "A Digitadora", Tereza Ariel (Hiperespaço 22)
- "A Verdade", Valmir Stein (Confederação Niets 3)
- "O Projeto Zenith", Wendell Stein (Confederação Niets 2)
- "O Inimigo Interno", Fábio Fernandes (Somnium 57)

***** OS VENCEDORES DOS ANOS ANTERIORES *****

1992

= Melhor Conto

- "Tocar os Anjos", Roberto de Sousa Causo (Somnium 53)

= Melhor Editor

- Marcello Simão Branco (Megalon)

= Melhor Resenhador

- Gilberto Schoederer (Megalon, Somnium, Vortex)

= Melhor Ilustrador

- Roberto Schima (Megalon, Somnium, Vortex)

1993

= Melhor Ficção Curta

- "Exercícios de Silêncio", Finísia Fideli (Megalon 21)

= Melhor Editor

- Renato Rosatti (Megalon, Vortex)

= Melhor Trabalho de Não-Ficção

- Roberto de Sousa Causo (Papêra Uirandê, Somnium, Vortex)

= Melhor Ilustrador

- Roberto Schima (Notícias do Fim do Nada, Megalon, Somnium, Vortex)



Braulio Tavares

COM VOCÊS, UM DOS NOMES MAIS IMPORTANTES DA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: BRAULIO TAVARES. O PREMIADO ESCRITOR, ENSAÍSTA E PESQUISADOR CONCEDE AO MEGALON SUA PRIMEIRA ENTREVISTA A UM FANZINE DO PAÍS. ELE FALA SOBRE A FC DO BRASIL, SEUS PRÓXIMOS TRABALHOS COMO AUTOR, ANALISA PRÓS E CONTRAS DO FANDOM, SUA COORDENAÇÃO NA "SÉRIE RAMA" E TECE VALIOSAS COLOCAÇÕES PARA O DEBATE DO ATUAL MOMENTO DO GÊNERO NO PAÍS E OS POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UM EFETIVO DESENVOLVIMENTO AQUI NO BRASIL, NUMA ENTREVISTA A MARCELLO SIMÃO BRANCO.

MEGALON - Você é uma pessoa de reconhecido talento e ecletismo. Gostaria que você nos contasse quais suas atividades profissionais e artísticas nesse momento, e se em seus projetos existe a possibilidade de um livro de sua autoria.

BRAULIO TAVARES - Sou um escritor profissional; "escritor" no sentido mais amplo, incluindo não apenas obras literárias, mas todo tipo de texto: faço artigos de jornal, "press-releases", relatórios, verbetes de enciclopédia, redação de projetos, traduções (literárias ou não), letras de músicas, letras de "jingles", textos para teatro e TV, textos publicitários ou de divulgação. Nesse momento (outubro de 1993) estou escrevendo textos para o programa Os Trapalhões da TV Globo; tenho projetos confirmados para escrever duas peças de teatro, que deverão estrear no segundo semestre de 1994; e edito a "Série Rama" para a Editora 34. Quanto à literatura, tenho um livro de contos fantásticos que está inscrito num concurso literário; e estou tentando terminar um romance já contratado pela Editora Rocco, mas ao qual só dedico as horas que sobram no final disto tudo.

MEGALON - Nos explique com detalhes o plano editorial da Editora 34 e a "Série Rama". Você escolhe os livros? Estuda-se a publicação de trabalhos de brasileiros?

BRAULIO - Na "Série Rama", queremos publicar literatura fantástica e mostrar que ela pode ser tão absorvente quanto qualquer best-seller e ao mesmo tempo tão bem escrita quanto qualquer clássico do "mainstream". Estamos selecionando três critérios: 1) tema fantástico; 2) história interessante; 3) texto bem cuidado. Eu poderia perfeitamente publicar na "Rama" obras (vou citar títulos já lançados por outras editoras) como Neuromancer de William Gibson e Cem Anos de Solidão de Garcia Marquez, Os Despossuídos de Ursula Le Guin e o Dicionário Kazar de Milorad Pavitch, Entrevista com o Vampiro de Anne Rice e O Perfume de Patrick Susskind. Todos esses títulos têm algo em comum: tema fantástico, boa história, originalidade de es-

tilo. Já temos recebido originais de autores brasileiros, mas o processo de avaliação é um pouco lento: eu sou o primeiro filtro, e o que passa por mim é lido por mais duas ou três pessoas.

MEGALON - Você foi o único latino-americano a ser aceito para participar da "Clarion Workshop", uma das mais relevantes oficinas literárias dos EUA. Poderia nos relatar sua experiência, como é a "Clarion", e o que acrescentou à sua literatura e à possibilidade de ser publicado nos EUA?

BRAULIO - A Clarion se realiza todos os anos entre junho e agosto, com duração de seis semanas. O processo de seleção começa em outubro e vai até abril. No ano em que participei, foram escolhidos 16 participantes entre cerca de 150 candidatos; a média geral é essa 10% do total, mas nunca ultrapassando 25 pessoas. Os estudantes ficam todos no mesmo alojamento e usando o mesmo refeitório. Durante a manhã, aula e discussão de textos das 8:00 às 13:00 (com pausas de 10 minutos para cafezinho, etc). Todos os dias, depois do almoço, alguns estudantes têm entrevistas pessoais de uma hora com os professores. A tarde e a noite em princípio são destinadas a escrever, e a ler as histórias (geralmente 3) que serão analisadas na manhã seguinte. Aos domingos, folga. As críticas são muito severas mas respeitadas. A turma de que participei era muito unida, mas há registros de turmas onde se formavam grupos antagônicos, com bate-bocas, polêmicas, etc.; o próprio Damon Knight, que coordena a Clarion há cerca de 20 anos, considerou nossa turma uma das mais bem-integradas (embora não uma das mais bem-sucedidas: tenho notícias de que da turma de 1992 muita gente já publicou em revistas, e já assinou contrato para publicar novelas. Do nosso grupo, creio que apenas Emmett Pittman, Daniel Lissman e Daniel MacLean conseguiram vender contos no mercado profissional, e Kevin Helfenbein está publicando críticas na The New York Review of SF). A Clarion me deu uma ideia muitíssimo mais nítida sobre o mercado profissional de FC&F nos EUA, acabou com alguns preconceitos que eu ti-

ria contra esse mercado, e me forneceu uma grande quantidade de conhecimentos técnicos não só sobre literatura, mas sobre preparação de originais, crítica de textos alheios, etc. Fiz boas amizades, e mantenho correspondência regular com pelo menos meia dúzia de colegas, e alguns professores. A possibilidade de ser publicado nos EUA é remota mas real, e depende apenas (como no Brasil) de um editor se entusiasmar por uma história, nada mais. Existe dificuldade adicional de escrever em língua estrangeira, mas tenho me esforçado mais, e alguns colegas ajudam, corrigindo meus textos.

MEGALON - Sua ficção e seus ensaios o têm caracterizado como alguém mais preocupado com o estilo e a forma dos textos em relação ao enredo e o "contar uma boa história" (num sentido de maior simplicidade de prosa e de ênfase no entretenimento). Você concorda com isso? Por que? Em que sentido podemos afirmar que sua literatura está mais para o "mainstream" com elementos do fantástico, do que um autor de FC&F que acrescenta aspectos formais mais refinados à sua prosa?

BRAULIO - Creio que dou a mesma importância ao "estilo" e ao "contar uma boa história". O que me parece é que a maior parte dos leitores de FC presta atenção demais na história e esquece o estilo, daí meu interesse pelo estilo parecer exagerado. Posso garantir que vários amigos meus, escritores do "mainstream" e ótimos estilistas, reclamam de minha teimosia em dizer-lhes que "contar uma boa história" é essencial. Fui criado lendo muita poesia, e ainda hoje costumo ler mais poesia do que prosa: param mim, a sonoridade de cada palavra, o ritmo interno e a fluidez de cada frase são importantes. Autores como Bradbury, John Crowley, Fritz Leiber, Harlan Ellison e outros me dão esse prazer; mas não sou radical. Em vários dos meus autores preferidos a história tem predominância sobre o estilo: na literatura policial, gosto mais de Agatha Christie e Elery Queen do que de Raymond Chandler (que é estilisticamente superior). E mesmo na FC, alguns dos meus preferidos não são grandes estilistas, e valem mais pela história e pelas idéias: Philip K. Dick, Alfred Bester, James Blish, Greg Egan.

MEGALON - O que mais lhe agrada na literatura, e na FC em particular? Uma boa história que entretém e apresenta maior linearidade) ou um texto esmerado e rico em efeitos e evocações artísticas onde o enredo tem um plano secundário?

BRAULIO - É impossível para mim dar preferên-

cia a um dos dois. Posso gostar de livros com muita história e pouco estilo, como certas obras de folhetim que li na infância (a série Os Pardaillans de Michel Zevaco ou o Rocambo-le de Ponson du Terrail); e também de livros virtualmente sem história, como o Catatau de Paulo Leminski ou Lugar Público de José Agripino de Paula. Mas são pontos extremos. Bom mesmo é quando as duas coisas estão juntas!

MEGALON - Você tem contribuído de uma maneira diferenciada ao debate em torno do "Movimento Antropofágico da FC Brasileira". Ao postular, em primeiro lugar, um bom texto e a integração da FC nacional ao "mainstream" brasileiro, você não está desviando um pouco o foco do debate? No sentido de que o "Movimento" tem a pretensão de ser uma forma engajada de literatura de FC no Brasil e a boa literatura já está subjacente a esta proposta, não precisando, portanto, ser defendida com mais veemência do que o "Movimento" em si. O que pensa sobre isto?

BRAULIO - Admito que o "Movimento Antropofágico da FC Brasileira" pode ser algo mais complexo do que suponho, mas aí é falta de infor-

mação minha. No que publiquei até agora sobre o "Movimento", procurei apenas deixar claro que não acredito que "ser brasileiro" possa ser definido em termos de imagens como o índio, a floresta, etc. Acho o indianismo um equívoco; tais personagens/ambientes podem e devem ser usados (eu mesmo tenho i-

déias de alguns "plots" de FC envolvendo índios), mas não devemos atribuir a esse símbolos uma importância exagerada. Vejam bem: eu sou nordestino, mas não acho que um cangaceiro seja mais autenticamente brasileiro do que ga-roto paulistano que anda de "skate". Além do mais, acho que o brasileiro típico não é o índio, e sim o funcionário da Funai.

MEGALON - Qual a importância da crítica para você? Como vê a polêmica entre críticos e escritores do fandom brasileiro? Os autores acusando os críticos de não terem conhecimentos acadêmicos para os analisar e os críticos rebatendo que os escritores só reclamam quando não são elogiados.

BRAULIO - Os principais críticos a teorizar a FC e a produzir crítica de alto nível sobre FC, no Brasil, são Fausto Cunha e José Paulo Paes, em numerosos artigos, e Muniz Sodré no livro A Ficção do Tempo (VOzes, 1972). Pode-se discordar das opiniões deles, mas não se pode dizer que eles não conhecem literatura, ou que não conhecem FC. Livros como Introdução ao Estudo da Science Fiction de André Carneiro, Introdução a uma História da Ficção Científica de Leo Godoy Otero, Ficção Científica de Raul

Fiker, Ficção Científica de Gilberto Schoerer e meu O que é Ficção Científica são obras mais descritivas do que propriamente analíticas, embora todas elas, claro, tragam opiniões próprias sobre o tema. O que existe nos fanzines não é crítica no sentido analítico, acadêmico, da palavra: são opiniões pessoais, tentativas não sistemáticas de opinar sobre textos alheios. Como existe muito entusiasmo da parte dos comentadores e às vezes muita suscetibilidade da parte dos comentados, é natural que surjam atritos aqui e acolá. Faz parte. Foi assim que a FC americana brigou, questionou-se e evoluiu nas revistas de Gernsback e Campbell. Mas certamente existe uma distância entre a crítica de Cunha/Paes/Sodré e a que se publica nos fanzines.

MEGALON - Você é um dos primeiros fãs e militantes da Segunda Geração da FC do Brasil. Surgiu e se desenvolveu no meio dos fãs, dos fanzines e nos clubes. Qual a importância dos fanzines para o debate de idéias e a revelação e aprimoramento de novos talentos? Opine sobre o nível dos trabalhos dos editores de fanzines e dos que escrevem nessas publicações aqui no Brasil.

BRAULIO - Na verdade eu, como fã e leitor de FC, me formei fora do fandom. A vida inteira pensei que era o único leitor de FC no Brasil (conforme já descrevi num depoimento anterior = para o livro sobre os dez anos da Segunda Geração, de publicação ainda incerta, NOTA DO EDITOR) Quando conheci o CLFC, eu já tinha 36 anos e já tinha publicado muita coisa, inclusive O que é Ficção Científica. O contato com o fandom mudou minha visão da FC e, sem a menor dúvida, me levou a escrever FC. Eu já tinha esse projeto como dissonante mas irrealizável, do tipo "Tenho tanta vontade de conhecer Paris!". Nesse sentido, eu me considero um escritor de FC surgido no meio do fandom, pois sem o fandom eu não teria escrito FC, e sem o Somnium não existiria A Espinha Dorsal da Memória. A função dos fanzines é essencial para que os escritores iniciantes publiquem, recebam críticas e evoluam. O ideal seria que os fanzines fossem maiores, e saíssem com mais regularidade, porque eles são um laboratório de experiências, de ensaios, de tentativas e de aprendizado. As brigas, polêmicas, focas, confrontos, etc. fazem parte desse aprendizado.

MEGALON - Cite e comente três autores brasileiros e três estrangeiros de seu agrado.

BRAULIO - Meu livro brasileiro preferido é As Noites Marcianas de Fausto Cunha: há nostalgia autobiográfica envolvida nisso, claro.

Contos como "61 Cygni" ou "A Vela que o Mundo Apagou" produziram em mim uma impressão muito forte. Jeronymo Monteiro foi outro que comecei a ler muito cedo: ainda hoje existe na casa de meus pais, na Paraíba, uma coleção encadernada da série Dick Peter, que comprei a prestação por volta de 1963 ou 64. E A Filha do Inca de Menotti del Picchia, lido também na mesma época, me convenceu da riqueza de possibilidades da FC no Brasil. Autores como Scavone, André Carneiro ou Dinah S. de Queiroz são igualmente importantes para a evolução da FC brasileira, mas essas obras que citei estão mais ligadas à minha trajetória pessoal como amante da FC. Entre os estrangeiros, também prefiro citar nomes que foram importantes na minha formação como leitor, ou seja, na construção do meu conceito de qualidade. Ray Bradbury é um deles: e aqui voltamos à questão do estilo. Foi ele quem me mostrou que a FC podia trazer uma idéia nova em cada frase (e só Jorge Luís Borges, dez anos depois, me causaria a mesma impressão). Quero citar também dois autores por quem tenho um afeto bem pessoal: Stefan Wul e F. Richard-Bessière. São autores "menores" (e nem um pouco estilistas!), mas foi nos livros deles que

"CREIO QUE DOU A MESMA IMPORTÂNCIA AO 'ESTILO' E AO 'CONTAR UMA BOA HISTÓRIA'. O QUE ME PARECE É QUE A MAIOR PARTE DOS LEITORES DE FC PRESTA ATENÇÃO DEMAIS NA HISTÓRIA E ESQUECE O ESTILO".

entrei em contato pela primeira vez com algumas imagens básicas da FC (universos paralelos, paradoxos temporais, universos infinitamente pequenos, engenharia biológica, etc.), e experimentei pela primeira vez o famoso sense-of-wonder. Toda vez que sinto a tentação de pichar

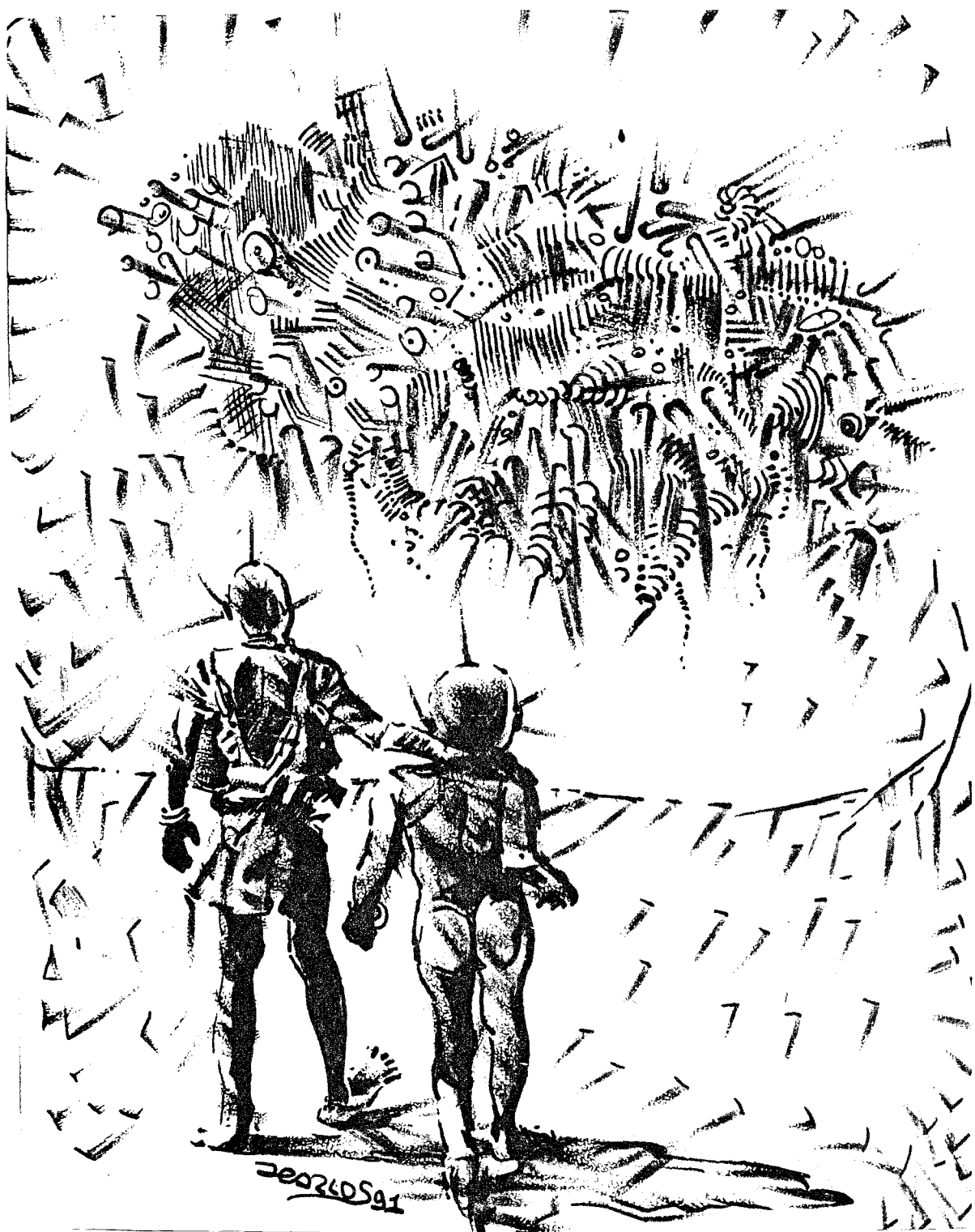
indiscriminadamente aqueles autores dos pulp magazines, eu penso nesses dois e digo a mim mesmo: "Tudo bem; os caras escreviam mal, mas eram uns verdadeiros visionários." Ainda considero A Cadeia das 7, de Stefan Wul, uma obra-prima, um delírio de imagens surrealistas e espantosas, e tentei plagiar seu desfecho no meu conto "Catálogo de Exposição".

MEGALON - O que fazer para tornar a FC no Brasil uma literatura vendável, mesmo em meio às mazelas editoriais e educacionais do País? E como vincular a FC, horror, fantasia a um contexto de boa literatura popular como ocorre nos EUA? Em que sentido uma revista como a Isaac Asimov Magazine poderia contribuir para isto?

BRAULIO - O futuro de uma "boa literatura popular" no Brasil está ligado ao fim da inflação, aumento do emprego e ganhos reais de salário para a classe média. Por maior que seja a inflação e a crise, os livros caros continuam vendendo, e é o livro barato que fica prejudicado. É um fenômeno semelhante ao do mercado imobiliário: hoje em dia, é mais fácil para uma construtora vender um apartamento de 4 quartos do que um quarto-e-sala. As crises não atingem os ricos.

POR OUTRO LADO, creio que o fandom já tem mostrado seu poder de influência nesse processo. Temos hoje inúmeros autores de FC&F, publicados em livro, que têm participação ativa no momento: eu, Flory, Causo, Schima, Zé Fernandes, Ivanir, Ivan, etc., sem falar em antologias como Verde...Verde e Tukulash. E há também o lado editorial: eu estou trabalhando com a "34 Letras", o Sylvio Gonçalves com a Francisco Alves, o Silvio Alexandre e o Piazzi lançaram a Zenith. Os fãs influem hoje o mercado de uma forma inimaginável há dez anos atrás. A GRD retornou e a Isaac Asimov Magazine surgiu, em grande parte, devido ao movimento criado pelo fandom. É de lamentar o fim desta revista, que seria o nosso primeiro mercado profissional para o autor brasileiro se lançar sem ter que correr o imenso risco que é estrear com um livro. Mas a evolução que tivemos nesta última década é extremamente animadora.

=====



Começamos nesta edição mais uma iniciativa inédita na FC brasileira: a publicação de um romance. A cada número será publicado alguns capítulos de forma sequenciada. Quem nos dá o privilégio é MIGUEL CARQUEIJA, numa história com muita ação, aventura e dinamismo narrativo.

NEBLINA E A NINJA

por MIGUEL CARQUEIJA

PRÓLOGO

NUM DISTANTE FUTURO, a superfície da Terra tornou-se praticamente inabitável e a raça humana, em consequência, precisou transferir-se para o interior do planeta, ocupando grandes cavernas naturais e construindo outras. Catástrofes diversas, naturais e artificiais, principalmente a destruição da camada de ozônio, determinaram esta situação. Assim, um gigantesco esforço transferiu centenas de milhões de pessoas para o subsolo, com seus objetos e tecnologias, e o que foi possível transportar de animais e plantas. As nações tornaram-se subterrâneas e as cidades, estradas, fazendas, até rios, lagos e reservas naturais, surgiram no abismo.

Nesse estranho mundo de amanhã ainda existe o crime organizado. As quadrilhas ressuscitaram antigas tradições dos piratas e buscam manter os seus refúgios tão auto-suficientes quanto possível. Para tanto, o principal objetivo das quadrilhas acabou sendo o roubo das fontes energéticas (notadamente os cristais) indispensáveis à vida nas profundezas. A civilização do futuro banuiu a energia nuclear e depende essencialmente do Sol. Para aproveitá-lo, imensas torres se projetam ao "teto" do mundo, atravessando-o, e já a grande altura da superfície ostentam as suas cúpulas energéticas. Na parte superior antenas e espelhos solares captam a radiação do Sol; a mesma vai então para a cobertura, sendo concentrada na caixa de cristais de energia (diamantes sintéticos especiais) e de lá, por dutos, levada ao interior da Terra. Essas torres são fortemente protegidas, por causa dos constantes raids dos piratas.

Nessa época também existe um avançadíssimo Estatuto dos Superdotados, reconhecido internacionalmente. Por esse estatuto, qualquer pessoa idônea que prove ser superdotada intelectualmente pode obter privilégios especiais, como o direito de ocultar a identidade, ou andar em público com o rosto mascarado, e participar de atividades ou pesquisas diversas: arqueológicas, beneficentes ou, inclusive, policiais - ainda que não possua, neste ou naquele caso, faculdade correspondente.

Eis o futuro do mundo. Eis o campo de batalha em que o Bem e o mal mais uma vez se defrontarão, nas pessoas de Neblina e a Ninja.

CAPÍTULO 1

MORTE EM NOVA BRASÍLIA

QUANDO O INSPETOR Madeira chegou ao local, já havia sido montado um cordão de isolamento que mantinha os curiosos à distância. Sob o olhar sombrio dos policiais e do médico legista que já se achavam no local contemplou, com as mãos nos bolsos, o corpo estendido de bruços. Não era uma visão agradável, principalmente se pesadas as implicações daquela morte. Pessoas importantes, assim pensava Madeira, jamais deveriam morrer assassinadas, pois tais crimes trazem grande perturbação à sociedade, à opinião pública.

- Causa-mortis?
- Concussão cerebral. Bateram violentamente com sua cabeça na parede.

O tom de voz do legista era frio e profissional. Madeira sentiu frio e, conservando as mãos nos bolsos, olhou em volta. Por enquanto ninguém da embaixada viera, mas isto não iria demorar. Madeira, sentindo-se estranhamente inquieto, percebeu vagamente uma movimentação

das pessoas, a uns 15 metros, mas não ligou, embora lhe parecesse que abriam caminho para alguém.

Tornou a olhar o corpo e, lamentando a encrenca que tinha nas mãos, abaixou-se para examiná-lo.

O corpo era de um homem de 50 anos, volumoso, bem vestido, com tecidos estrangeiros. Parecia ao policial que não se tratava de latrocínio. Essa impressão se confirmou quando as suas mãos experientes trouxeram de um dos bolsos uma carteira cheia de dinheiro.

Alguém parou sutilmente por trás do ombro esquerdo de Madeira.

- Inspetor, na algibeira interna parece que há um envelope. É melhor olhar o que é.

- Hein?

Madeira voltou-se e ergueu-se. Diante deles, uma aparição insólita: uma garota magra, de estatura média, mascarada e vestida de preto. Estava de calças compridas, blusa de manga comprida, sapatos elásticos, tudo preto: até luvas pretas. A máscara negra deixava ver olhos azuis impressionantes, sob grossas sobrancelhas. Quase todo o rosto, inclusive a parte do nariz, permanecia oculto sob a máscara, que era presa à blusa; contudo cachos de cabelo negro, lindos, eram visíveis. Num primeiro momento o inspetor não percebeu os detalhes da capa, já que a posição da moça a ocultava. A capa majestosa era de azul turquesa, iridescente, repleta de motivos astronômicos: lua, sol, estrelas e galáxias, cometas, Saturno, Marte, Vênus, Júpiter, quasars e abismos negros. Com excessão desses últimos, todas as figuras eram feitas de um bordado que parecia de prata, verdadeiras lantejoulas astronômicas.

- Quem é você? Quem a deixou passar?

- Eu sou Neblina e tenho um passe do ministério da Justiça. Sei que o senhor é o Inspetor Madeira.

O tira fitou com raiva a figurinha que o desafiava. O passe estava em sua mão direita e acendia uma luz piscante, sinal da correta identidade da portadora pela pressão do dedo polegar. Ele já sabia quem era Neblina. Era uma beneficiária do Estatuto dos Superdotados e protegida por um figurão do ministério da Justiça. Já havia colaborado com a polícia em vários pontos do Brasil.

- O que você quer aqui?

- Inspetor, eu soube desse homicídio e vim colaborar nas investigações.

- Desculpe, eu agradeço, mas a polícia não tem necessidade da sua ajuda. Nós não costumamos aceitar que leigos tomem parte nas investigações.

- Mas eu tenho uma autorização expressa do ministério da Justiça.

- O que?

A mascarada passou-lhe o termo plastificado, timbrado e autenticado, assinado pelo ministério da Justiça. O inspetor sentiu uma profunda amargura, um sufocante despeito.

- Como você arranjou isso? - indagou, sem esconder a aspereza da voz.

Neblina já havia cruzado os braços, com cuidada paciência.

- Existe um Estatuto...

- Sim, eu sei. Inferno! Por que o ministério da Justiça tem que interferir com a ação da polícia?

Neblina sorriu.

- Inspetor, e o envelope? Vamos ver esse envelope?

Vários colegas de Madeira estavam já à sua volta, perplexos. Talvez esperassem uma ordem para expulsar a garota, mas Madeira estava impossibilitado de dá-la.

- Mostre a eles sua autorização, enquanto eu olho o envelope - disse secamente.

Neblina, porém, não pretendia perder o exame do envelope e entregou o pergaminho a Lustosa.

- Podem olhar à vontade, e depois me devolvam.

Sem ligar para murmúrios de reprovação, Neblina encostou-se a Madeira, que abria o envelope (que não se encontrava lacrado).

O documento entregue a Lustosa dizia:

"Por meio desta AUTORIZAÇÃO ESPECIAL, a cidadã registrada com o nº 109 do Estatuto dos Superdotados, Seção do Brasil, cuja identidade está protegida pela Lei 24010, artigos 4º e 5º, de 20 de julho de 2453, está apta a prestar serviços à polícia de Nova Brasília, usando o nome de Neblina e uniforme com capa e máscara, em qualquer caso de homicídio, latrocínio e

ameaça às Torres Energéticas, e em especial está autorizada a participar de qualquer investigação referente à ação dos "Bandidos Negros", se tal grupo penetrar na cidade. Devem as autoridades policiais colaborar com a Sra. Neblina, abrindo-lhe facilidades e evitando qualquer estorvo ao seu trabalho".

Seguia-se a data daquele dia e a assinatura do ministério da Justiça.

- Quem são esses Bandidos Negros? - indagou Lustosa, pouco disposto sequer a crer em sua existência.

Neblina não respondeu. Estava ocupada em acompanhar o que dizia a carta, datilografada com uma antiga máquina, por sinal péssima.

"À POLÍCIA DE NOVA BRASÍLIA:

O porco que vocês estão examinando é Tadeu Popescu, cônsul da Romênia. Nós o eliminamos para vingar a nossa expulsão daqueles país. Oportunamente completaremos a nossa vingança.

Esclareço que este é o início da nossa CAMPANHA DE TERROR em Nova Brasília. Esta cidade será nossa, e se as autoridades constituídas tentarem nos impedir, serão destruídas sem con^{ta}templação. Não aceitaremos qualquer tipo de oposição. Sobretudo, queremos a posse das fontes de energia. Quem se opuser a nós, morrerá.

ASS. SYBILLA, a Ninja

Líder dos Bandidos Negros."

Após ler a mensagem com o pensamento, Madeira leu-a em voz alta para os presentes.

- Isso responde à sua pergunta - dirigiu-se Neblina a Lustosa, que observou-a com desprezo no olhar.

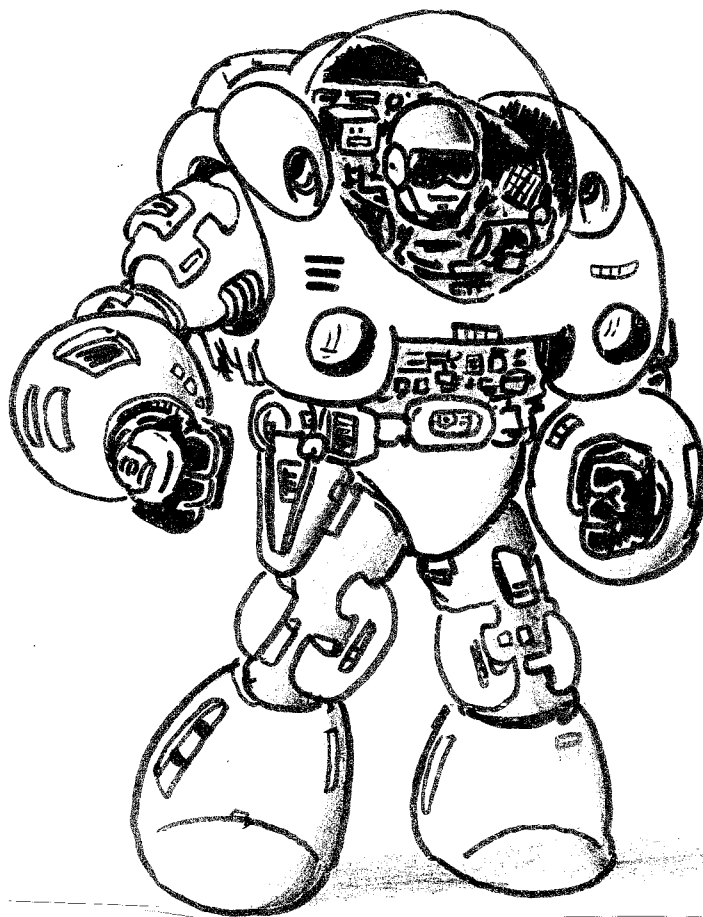
Madeira também estava irritado com a presença da garota:

- Afinal o que você sabe sobre isso?

- O que "Z" me revelou, inspetor. Apenas isso.

Madeira sabia da existência do misterioso personagem do ministério da Justiça, conhecido como "Z". Não era alguém que se pudesse desafiar à toa.

*****CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO*****



Calife é uma das presenças mais assíduas nas páginas do MEGALON. Na edição passada, ele nos contou mais uma aventura espetacular da dupla Alvin & Glória. Agora ele dá um tempo no universo ficcional de "Videorama" e nos mostra uma história envolvente, dramática e não muito distante da realidade quanto podemos imaginar.

O PÁSSARO FERIDO

por JORGE LUIZ CALIFE

1 - SQUANTO TERROR

O NOME DO MÍSSIL ERA MAIS impressionante do que sua forma. Erguido sobre a plataforma de lançamento o Thor parecia um grosso lápis branco envolto na névoa gelada do oxigênio líquido. Então a contagem regressiva chegou a zero e o Squanto Terror transformou-se num cometa dourado, rasgando a escuridão noturna sobre o oceano Pacífico.

A base de lançamento, sobre o atol da ilha Johnston, sumiu na escuridão, virou um cor-dão de luzes fosforescentes e desapareceu na camada de nuvens. Sob o céu estrelado o primeiro estágio do Thor esgotou seu combustível e ficou para trás em meio a nuvens de cristais de gelo. O sol surgiu no horizonte, acima das montanhas da Califórnia. A ogiva do interceptador anti-satélite recebeu uma orientação final das antenas em Edwards e disparou seus motores de combustível sólido.

Em uma missão real o Squanto Terror levaria uma ogiva nuclear cuja detonação derreteria os circuitos eletrônicos dos satélites inimigos. Este era apenas um teste e instrumentos substituíam a carga atômica. O alvo era um satélite meteorológico Tiros, que deslizava sobre o Canadá naquele momento. Se tudo corresse bem o Squanto Terror passaria a vinte quilômetros do Tiros, mais do que suficiente para destruí-lo caso levasse uma ogiva de guerra.

Naquele teste em especial nem tudo correu bem. Uma anomalia gerou uma bolha de gases dentro do motor de combustível sólido e o Squanto Terror explodiu como uma granada. Uma parte se dispersou numa nuvem de metal retorcido enquanto o pedaço maior da ogiva passava a circular em torno da Terra a 700 quilômetros de altura. Feito de plástico, o fragmento do míssil passou despercebido pela vigilância dos radares americanos e soviéticos.

Trinta anos depois ainda estava em órbita, a 260 quilômetros da Terra. Os homens que o tinham construído e lançado não se lembravam mais dele, a guerra fria terminara. Mas o Squanto Terror continuava lá, rumando para um alvo que jamais estivera nos planos de seus projetistas. A estrutura branca e negra do ônibus espacial Atlantis.

2 - ROYAL LANCASTER

O emblema da missão Artemis mostrava uma silhueta feminina, uma mulher com os braços e pernas abertas imitando a célebre figura humana de Leonardo da Vinci. Ao fundo, no lado esquerdo da mulher, apareciam as cores da bandeira americana, no lado direito a bandeira da Rússia. Nas bordas do escudo circular liam-se os nomes das duas tripulantes da estação orbital Mir, a russa Irina Savitskaia e a americana Jana Irwins.

Carlos colocou o emblema no colo enquanto seus dedos moviam-se sobre o teclado do computador lap-top. "Se tudo correr bem a primeira tripulação feminina da Mir estará de volta em fevereiro. Bem antes disso os preciosos cristais, produzidos em gravidade zero, estarão nos laboratórios da Terra, trazidos pelas cápsulas Progresso. A cura da Aids descendo do espaço, algo além dos sonhos da ficção científica..."

Não gostou da última frase. Ficção Científica, talvez pudesse traçar um paralelo entre os cristais de proteína fabricados na Mir e aquele filme antigo sobre cristais mortíferos que vinham do espaço. Como era mesmo o nome? Algo sobre Andromeda...

Deixou o computador e o emblema do vôo sobre a cama e foi até a janela. Seu quarto, no Royal Lancaster Hotel, permitia uma bela vista do parque. A noite caía sobre a cidade de Londres e a imensa torre de condensação de uma usina termoelétrica recortava-se contra o vermelho do poente. Uma fina lua crescente começava a aparecer sobre a cidade mas o toque insistente do telefone tirou Carlos de sua contemplação.

Antes que compreendesse o que estava acontecendo já ouvia a voz do seu editor no Rio de Janeiro. Era ótimo ouvir alguém falando português depois de passar dias tentando entender gente que falava inglês sempre depressa demais.

- Já soube do problema com o Atlantis?
- Que Atlantis?
- A espaçonave, estava dormindo?
- Pensei que tinha me pedido uma matéria sobre a Mir. Não foi fácil falar com o Artsebarsky, ele vai ficar em Farnborough só até amanhã...

- Esqueça a Mir. A Atlantis colidiu com um pedaço de lixo espacial. Parece que é coisa séria.

- Perdi o jornal da BBC agora a noite.

- Os astronautas estão bem, mas a nave ficou muito danificada. Eles tem oxigênio e suprimentos para mais quatro dias em órbita, depois disso adeus.

- Alguma chance de reparar os danos?

- Acho que não. O negócio abriu um rombo de meio metro no meio da asa direita da Atlantis. Eles não podem mais reentrar na atmosfera. A CNN mostrou pedaços de telhas flutuando em torno da nave.

- Vou ligar a televisão.

- Quero que você fale com os especialistas na Inglaterra. Ache alguém da British Interplanetary Society. A Nasa vai tentar lançar a Endeavour antes do prazo, pra resgatar aquele pessoal. É a matéria do ano!

3 - EVA

PRESO A UNIDADE DE MANOBRA orbital MMU o astronauta deslizou sob o ventre negro da Atlantis. Duzentos quilômetros abaixo dos pés de Steven Vogel o cone do monte Fuji lançava uma comprida fita negra sobre o azul imaculado do pacífico. Lá embaixo, naquele mundo brilhante e colorido, a erupção repentina do cartão postal do Japão disputava o espaço nas manchetes com o acidente com a Atlantis.

Empunhando o joystick de controle Steven disparou os jatos da mochila propulsora, imobilizando-se sob a feia cicatriz na asa da espaçonave. Fios e tubos do sistema hidráulico do trem de aterragem ondulavam no espaço como spaguetti multicolorido. O astronauta sentiu uma trizteza profunda enquanto sua imaginação o levava de volta a infância. Trazendo de volta a figura do pombo de asa quebrada que encontrara quando garoto.

A Atlantis era um pássaro ferido, como aquele pombo, e nenhum veterinário do mundo poderia curá-la. Não nas 36 horas de reserva de ar que ainda restavam para a tripulação de quatro homens e três mulheres. Porque uma coisa dessas tinha que acontecer logo no primeiro voo? pensou Steven. Podia ter sido pior. Nove anos antes Christa McAuliffe não escapara do azar de principiante quando a Challenger se desintegrara numa flôr de vapor branco sobre outro céu azul.

Disparando novamente os jatos de manobra o astronauta girou no espaço, olhando para o horizonte curvo além. Uma barra de azul que se tornava violeta a medida em que a atmosfera terrestre se dissolvia no espaço. Lá embaixo os russos estavam tentando ajudar, mas não havia muita coisa que pudessem fazer. Nenhuma cápsula Soyuz de três lugares poderia resgatar os sete tripulantes da Atlantis. "Se ao menos pudessemos alcançar a Mir", pensou Steven. O novo anel de engate

já fora instalado na estação espacial, mas não tinham o combustível para a mudança de órbita. Passou sob o bordo de ataque marrom da grande asa delta, delineando-se contra o negro mais escuro do infinito.

4 - LEIF VIKING

"EU QUERIA COMER LAGOSTA", pensava um sorrumbático Carlos Pereira enquanto o MD-11 "Leif Viking" da Scandinavian Airlines perdia altura no ar gelado, inciando a aproximação com o aeroporto de Moscou.

Lembrava-se de sua primeira travessia do Atlântico num jato Tristar da British Airways. A aeromoça, uma loura curvilínea que parecia ter saído do folder da Playboy, lhe oferecera a opção de comer frango ou lagosta. Carlos pediu lagosta. Nunca tinha comido o crustáceo em sua vida, salário de jornalista brasileiro não dava para esses luxos.

Mas a lagosta não viera. Acabara nalgum ponto entre a primeira classe e a classe executiva. Carlos nunca perdoara a British Airways. Agora voava para Moscou na classe econômica da SAS e podia sonhar a vontade com lagostas. Não teria nem uma enchova para se consolar.

Detestava viagens aéreas e esperava apenas que aquela jornada até Moscou valesse a pena. A Nasa tinha estudado a possibilidade de mudar a órbita da Atlantis e levá-la para um encontro com a Mir. Mas o ônibus espacial estava com pouco combustível para manobras. Gastara quase tudo para sair das loucas piruetas que o impacto na asa provocara. Podia subir até 500 quilômetros de altura e morrer na praia, a 100 quilômetros da estação espacial.

Os russos tinham um plano, mas ninguém imaginava como eles podiam fazer alguma coisa. Seu ônibus espacial, o Buran, virara peça de museu com a crise econômica. Parecia tudo inútil, como esta viagem a Moscou. Não serviria pra nada, nem pra comer lagosta.

5 - MIR

JANA IRVINS SE AMARROU no assento do piloto, dentro do claustrofóbico módulo de comando da Soyuz TM-30. Todos os sistemas estavam com luz verde para ignição e a astronauta americana se preparou para o tranco de aceleração.

Era a coisa mais louca que já fizera em seus 15 anos de carreira. Tinha voado na Challenger, na Columbia e na Endeavour, mas nunca fizera uma coisa tão arriscada.

Os muçulmanos têm um ditado, dissera sua colega soviética: Se Maomé não vai a montanha, a montanha vai até Maomé. Se a Atlantis não pode subir para encontrar a Mir, nós descemos para pegá-los.

Jana tentara argumentar que a Soyuz TM-30 não teria combustível suficiente para fazer quatro viagens até a avariada espaçonave, recolhendo todos os tripulantes. Mas não era es

sa a idéia na mente de Irina. Ela ia usar os motores da Soyuz para mover todo o conjunto de módulos da Mir. Fazendo a estação orbital perder velocidade e descer até os 450 quilômetros de altura, para encontrar a Atlantis. O Centro de Controle de Moscou já lhe dera o Delta V necessário.

- Vocês simularam tudo isso no computador? Perguntou a americana, os olhos azuis muito abertos.

Irina encolheu os ombros. - Pra que? Isso aqui é tecnologia soviética, aguenta o tranco. Se não aguentar que diferença faz? Eles querem vendê-la pros japoneses. Prefiro que nosso sonho tenha um fim mais nobre.

O som de música orquestral ressoou pelos cinco módulos cilíndricos. Jana reconheceu os acordes da Cavalgada das Valquírias. Os retrofoguetes da Mir estalaram e a enorme estrutura em forma de cruz girou no espaço. Assumia a posição adequada para a mudança de órbita.

"Meu Deus, essa mulher é maluca e eu estou ajudando-a a se matar".

A voz de Irina soou por cima da música, no fone de ouvido da astronauta.

- Tudo bem, Jana. Ignição em 40 segundos. Marca: 50 segundos de queima.

E se ela se recusasse a disparar os motores da Soyuz? Não, não adiantaria. Irina ia fazer aquilo com ou sem a ajuda dela. Não podia nem pensar em tentar impedir a colega. Irina era muito mais forte e venceria a esguia americana em qualquer tipo de luta corporal. Tinha que fazer o que a outra mandava.

Olhou para um brilho repentino na janela. Passavam sobre uma tormenta no Oceano Pacífico. Os relâmpagos saltavam sobre os cumes das nuvens em forma de couve-flor. E as nuvens brilhavam fosforescentes, detonando descargas em sequência, como uma bateria de flashes.

"Quinze segundos para a ignição". "Bem pelo menos eu tenho uma chance, Aqui, no módulo de reentrada da Soyuz, eu tenho mais chances de sobreviver do que Irina no módulo central". Ignição nove segundos, oito, sete, seis...

O tranco dos motores empurrou Jana para o acolchoado do assento enquanto a Soyuz TM-30 vibrava ameaçadoramente.

6 - A CIDADE DAS ESTRELAS

OS TÉCNICOS NO CENTRO DE CONTROLE RUSSO PARECIAM A TORCIDA DO FLAMENGO DEPOIS DE UM GOL. A IMAGEM NO TELÃO DE VIDEO MOSTRAVA A FORMA TRIANGULAR DA ATLANTIS, FLUTUANDO PACIFICAMENTE EM DIREÇÃO AO ANEL DE ENGATE, NUM DOS BRAÇOS DA CRUZ METÁLICA RUSSA;

- Eles conseguiram! Exclamou Carlos, sem se preocupar com a banalidade da frase. Então ficou momentaneamente chocado ao ver as lágrimas nos olhos do veterano cosmonauta, ao seu lado.

Dentro de mais algumas horas a estação espacial ia parecer um daqueles apartamentos coletivos do Rio de Janeiro. Nove pessoas iam viver lá dentro, durante dois meses, até que uma missão de salvamento pudesse resgatá-los.

O cosmonauta veterano achava perfeitamente possível. "Tinha que ver a Voskhod, aquilo sim era apertado", ele comentou. Cargueiros Progresso levariam suprimentos, ar e combustível. A Atlantis ficaria presa a estrutura da Mir e o conjunto todo seria empurrado para uma órbita mais alta. Um foguete Proton já estava na plataforma, com uma unidade propulsora para fazer o serviço.

Carlos saiu cantarolando do centro espacial. Já enviara sua matéria pelo teletipo e o seu jornal teria uma página esplêndida, com fotos inéditas do centro espacial russo. Tinha direito portanto a algumas regalias.

Tirou do bolso a passagem de primeira classe no jato da Air France. Com direito a champagne e lagosta. O editor ia ter um ataque, mas e daí?

Como diria a garota do comercial de TV. "Eu mereço".

Aqui está mais uma estréia no MEGALON: WALDIR DE PINHO VELOSO. Recebemos o conto a seguir, do seu amigo - e do nosso também - JOSÉ CARLOS NEVES. Portanto a história já vem muito bem credenciada: estranha, instigante... que surpreenderá pelo mórbido e inusitado.

C A S C A V E L

por WALDIR DE PINHO VELOSO

Entre os teres e haveres de Carlos Montanhês, constava um sítio nas imediações da cidade. Bastante próximo do perímetro urbano. A distância diminuída entre a sua casa na cidade e a fazendinha, incentivava-o a comparecer ali em praticamente todos os finais de semana. Durante os dias úteis, o sítio era dominado por Tirolito, que a tudo servia: capataz, vaqueiro, hortense, pomeireiro, caseiro e das lides administrativas da pequena propriedade rural.

NO SÍTIO, CARLOS MONTANHÊS criava pouca espécie de animais. Umas reses, uns caprinos e alguns cavalos Mangalarga Marchador. Estes, sim, eram o orgulho do patrão. Motivo, é vero dizer, até mesmo da aquisição do sítio, pouco tempo atrás.

Como em todo final de semana de até então, o doutor Montanhês chegou pouco depois de o primeiro raio de sol visitar o vale, em um domingo de céu limpo. Vistoriou a tudo, apresentou as encomendas, determinou ordenamentos novos e, já apresentando qualidades inerentes apenas a quem vive e desvive das lides rurais, participou da tirada de leite.

Terminado o trabalho de curar bicheiras dos umbigos dos bezerros, dentre os quais um azulego de cerca de um ano, Carlos Montanhês iniciou o seu cavalo Mangalarga Marchador no exercício que nos dias outros da semana, cabia a Tirolito coordenar. Primeiro, o banho na piscina, para que o garanhão nadasse e sentisse os próprios músculos bem fortes. Depois, a corrida brusca e freadas repentinas em um terreno especial de areia seca, para que todas as patas do cavalo ficassem com um preparo físico invejável.

Findos os movimentos especiais do animal estimado, o doutor Montanhês trazia o campeão para a baía, junto da sede da fazenda, quando viu que um potrinho - filho registrado na Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Mangalarga Marchador como oriundo da mais alta linhagem conhecida - sentia-se grogue. O doutor Montanhês olhou direito nos arredores e percebeu que uma cobra cascavel fazia vilznança ao cavalinho de prelo elevado. O potro otmbou, quase já morto, para o lado oposto ao ofídio, o qual ainda lhe deu mais uma grande mordida e voltou para a posição de ataque, ou seja, com o corpo todo enrolado em forma de uma rodilha - parecida com o sistema de enrolar roscas caseiras, a rodilha é um pano para se colocar na

CABEÇA COM A FINALIDADE DE equilibrar e assentar o que ali se carrega - e com o pescoço levantado em cerca de 40 centímetros. A cabeça, nervosa, movimentava-se para todos os lados e a língua bipartida se mostrava a cada instante.

Na ponta da cauda, o chocalho emitia um som característico, agora ouvido porque Carlos Montanhês, parado, a tudo presenciava.

Carlos Montanhês gritou por Tirolito. Facão na mão, Tirolito viu a cobra e se benzeu, dizendo:

- Valha-me Nosso Senhor Jesus Cristo!

Já dava um passo em direção a um caibro e Carlos Montanhês o segurou pelo braço, ao mesmo tempo em que lhe disse:

- É pouco! Pegue para mim três varas de bambu. Rápido! Uma grossa e comprida. E duas como vara de pescar. E um saco de estopa.

Tirolito atendeu com a rapidez de um raio. Enquanto isto, Carlos Montanhês acompanhava os últimos movimentos do seu animalzinho de puro sangue, no tempo em que a cobra cascavel se mostrava mais calma, com a cabeça com cerca de 30 centímetros acima da rodilha rasteira.

Carlos pegou o saco de estopa e trespassou a parte fina da vara de bambu em cada extremidade oposta, fazendo com que o saco ficasse, mesmo em distância, controlado quanto a abrir e fechar a obca. Solicitou que Tirolito se aproximasse pela frente da cobra, como que vindo em socorro à sua vítima que apresentara os últimos suspiros há pouco. Com o saco de estopa de boca aberta, veio por trás com todo o cuidado, após amarrar o cabresto do cavalo em um mourão.

Com um bambu, Tirolito tocava no potro falcido e a ponta da vara, às vezes, ultrapassava tal ponto, em direção da venenosa cobra.

Com máxima habilidade, Carlos Montanhês emborcou o saco fibroso sobre todo o corpo enrolado do réptil peçonhento. A cobra esforçou-

se querendo sair, mas, dois pulos e Tirolito já estava firme na ajuda em firmar no chão o esperto animal encapuzado, com a ajuda de uma lasca de aroeira.

Presa, finalmente.

O saco foi amarrado com embirra de malva e arrastado até a casa, bem próxima. De tanto morder o saco que a continha e por ter sido arrastada, a cobra já estava meio cansada, sem prejuízo de afirmar que ainda se apresentava violentíssima. Sempre com o guizo a anunciar a sua raiva.

Carlos Montanhês apanhou um aquário, seco, de vidro bem fixo com cola à base de silicóne. O aquário tinha um orifício, um buraco arredondado, em sua parte superior. Trouxe o retangular aquário e o colocou de boca sobre o chão no quintal da casa. Dentro dos vidros, uma maquininha de tração manual usada normalmente para moer cana.

TIROLITO FOI CHAMADO a desamarrar a embira que segurava a boca do saco e a jogá-lo dentro do aquário. Assim foi feito. Com poucos minutos, o cascavel já se mostrava desembaraçado da aaniagem, e não entendia a proximidade de dois homens, a ilhe ameaçar a vida. Andando por todos os lados, inclusive por cima de si própria, a cobra mostrava a sua cor pardo-escura com losangos amarelos bem à vista. O seu tamanho, acreditava-se, seria próximo de dois metros de comprimento. E os seus movimentos eram tão rápidos que a toda hora aparecia o chocalho zunindo abafado dentro do aquário virado de borco sobre a terra e com uma pedra grande onde seria o fundo, agora para cima.

A intenção de Carlos, começava a entender Tirolito e os seus filhos mais velhos - os pequenos foram levados para a cozinha da tapera por Marianinha, a mulher de Tirolito - era matar a cobra cascavel moendo o seu corpo na prensa de tirar o caldo de cana.

Enquanto girava o moedor fazendo com que os dois cilindros dentados rodassem ao contrário entre si, como que puxando de um lado para o outro, Carlos Montanhês ameaçava.

- Vai morrer devagar, sua danada!

O cascavel já estava mais do que enraivecido. Quase vinte minutos girando entre vidros transparentes sem encontrar uma saída ou uma fórmula de ofender aos seus opositores. O único buraco estava ocupado pela manivela da máquina de tirar suco da cana.

E Carlos a girar a manivela, esperando o momento exato para triturar o animal.

Sem perceber o erro cometido, e de tanto dar voltas dentro do aquário vazio e emborcado aprisionando os seus movimentos, o cascavel deixou que o seu chocalho encostasse na fenda do moinho. Carlos acelerou o processo de girar a manícula até sentir que todo o guizo já estava esmagado e que a cauda já começava a ser chamada entre os tubos sulcados na horizontal que rodavam, reciprocamente, sobre si, atraindo para um espaço

fino um corpo que ali não caberia.

O cascavel mostrou-se desesperado quando parte da cauda começou a ser amassada. Um sangue vermelhejou o chão, descendo pelo engenho de cana.

Carlos ou Tirolito diziam para o cascavel, alternadamente:

- Toma! Agora você vai sofrer para sentir se é bom...

Gostou, sujeita?

CERCA DE 20 CENTÍMETROS DA COBRA já havia sido trucidado. E a cada volta da manivela do engenho de marca Itaúna, alguns centímetros do seu comprido corpo ia sendo consumido pela maquininha. Foi quando começaram a aparecer os ossos que formam a espinha-dorsal do ofídio. E o ódio, em caráter definitivo, dominou ao cascavel.

A sua boca abria de tal forma que entre o maxilar inferior e o superior não havia abertura e sim uma reta cheia de dentes virados agora para a frente, como uma barreira ou uma tábua cravejada de pregos. E com esta arma, o cascavel vinha de encontro ao vidro, na exata direção das pessoas vizinhas, que quase sempre se assustavam (Era cena feia demais para não se sentir disposto a sair da frente da direção de certo bote).

Na maioria das vezes em que havia uma investida, o cascavel deixava no vidro um líquido venenoso a escorrer pelas paredes internas. Outras vezes, o veneno esguichava em alto ímpeto na direção dos humanos, e se não houvesse entre o ofensor e o pretense ofendido um objeto para parar-lhe o trajeto, os olhos eram o ponto escolhido.

E quando o veneno descia pelo vidro, o cascavel lambia-lhe e lhe suagava todo, recolhendo-no na boca, para novo ataque.

(Enquanto isto, a moenda deteriorava mais e mais o corpo do bicho rastejante).

Quando uma parte dentada rolava sobre a outra e entre elas o corpo da cobra ali entrava redondo e saía do outro lado completamente surrado, alguns ossos eram quebrados, e mitindo altos sons. Da proteção óssea da cobra vários espinhos lhe vazavam o couro das costas e da barriga, antes de serem reduzidos a pedacinhos misturados a sangue, carne e vísceras.

As escamas despreendiam do corpo do cascavel em alta velocidade evitando passar pelo engenho, e batiam no vidro e caíam no chão do lado oposto, como no jogo de sinuca. E forravam o chão onde a massa de carne osso e sangue não chegava.

Em um combate mortífero e violento, o doutor Carlos continuou a moer a cobra. E ela, por sua vez, a exibir ferocidade máxima a quem restava pouco mais da metade de seu tamanho original, tendo a outra parte cortada em vida aos poucos.

Carlos Montanhês teve medo de o cascavel quebrar aquele vidro de quatro milímetros de espessura e morder-lhe, ou a Tirolito. E ace

lerou o procedimento inédito de triturar sem pena o rastejador sem pés. E o cascavel começou a emitir finos assobios, como que agonizando.

NA BEIRA DO QUINTAL, as galinhas começaram a cacarejar, anunciando algo de anormal. Tirolito, que conhecia aquele agouro, correu e pegou da espingarda cartucheira de dois canos. Era um cascavel que chegava. Tirolito atirou e o matou. Antes de confirmar a morte sob tiro da visada cobra, outra apontou no outro lado do terreiro. Novo tiro, nova morte. E Tirolito gritou para que Maria-ninha trouxesse mais cartuchos. Muito mais.

E enquanto a cobra estava sendo moída e ela ainda assobiava, novos companheiros cascavéis chegavam agitadíssimos em socorro ao grito do irmão de espécime. Quatorze "maracabóias" vieram em atendimento ao grito de anúncio mortal. E todas foram alvejadas. Uma delas, já a meio caminho entre a parte empastada próxima da casa e o local no centro do quintal onde estavam o cascavel e o doutor Montanhês, que o sacrificava.

QUANDO O SISTEMA de reduzir a nada o réptil venenoso chegou a moer o seu pescoço, o cascavel ainda emitia refluxos e de sua boca ainda saía líquido envenenado, agora misturado a sangue, em direção ao doutor. Mas, ao deteriorar os primeiros dos últimos 30 centímetros anteriores à cabeça, um último assobio se ouviu. E o cascavel, sentindo-se desabudamente violado, teve o cuidado de fechar a obca, recolher a língua e fechar os olhos. Morreu.

Com o citado último som emitido, o mato abriu-se em carreira, indicando que ainda uma outra cobra cascavel viria em sua ajuda e que foi avisada de que de nada adiantaria.

COM OS NERVOS JÁ NO LUGAR e o vento anunciando a paz, percebeu-se que várias juritis e outras aves silvestres arrulhavam, a gradecidas.

Foram reunidos os corpos dos cascavéis mortos a tiro, o do morto na moenda - que mais tinha massa ensanguentada do que outro elemento corpóreo - e colocados no aquário que foi utilizado para prender a cobra condenada à morte. Tudo foi colocado em um carrinho de mão, onde também ficou arrebanhada toda a terra molhada com o sacrifício imposto ao cascavel, assim como o engenho de moer cana. O conjunto foi jogado em uma fenda profunda em umas das pedras pretas, onde certamente ninguém pisaria, e de onde a água da chuva não sairia, evitando-se, deste modo, acidentes com espinhos das costas ou a contaminação das águas com os mortíferos venenos das cascavéis.

No mesmo local, foi jogado o corpo do

potro ofendido e morto.

Nas duas vezes da ida e com igual vezes da volta, por orientação de Tirolito, os caminhos foram usados de diferentes modos, evitando-se a repetição de itinerário, onde poderia qualquer avisada cobra fazer tocaia e morder ao senhor e ao seu empregado.

Providência certa.

Na última vez que foram ao "sumidouro", Carlos Montanhês e Tirolito demoraram em torno de dez minutos, estando aquele fazendo as despedidas do Mangalarga Marchador que tanto futuro tinha. E neste intervalo de tempo, apareceram mais três cascavéis (Tirolito explicou que, na posição de ataque em que se encontravam, tais cobras não poderiam ser mortas a pauladas, pois aproximar-se de uma delas valeria como atestado de óbito a qualquer vidente.

NO BURACO CAVADO para levar do quintal todo o sangue do cascavel, Carlos Montanhês e os filhos de Tirolito fizeram uma plantação.

UM ANO DEPOIS, a árvore plantada foi cortada.

É que o seu tronco começava a apresentar-se cheio de escamas coloridas como as de cascavel.

E AO CORTAR a desconhecida árvore, muito sangue rolou do seu tronco pelo chão...



PARALELAS & ALTERNATIVAS

gerson
lodi-ribeiro

HISTÓRIAS NATURAIS ALTERNATIVAS

NOS ÚLTIMOS ANOS temos assistido a vários booms temáticos na FC&F. Em alguns destes, como no caso da sf dinomania, percebemos todas as características dos modismos passa-geiros (infelizmente...). Outros booms, contudo, parecem ter vindo para ficar, como é o caso das histórias alternativas.

Enredos históricos alternativos são aqueles que giram em torno de uma Terra Alternativa. É uma temática que atrai também os amantes de romances históricos, tornando-os eventualmente novos fãs de FC.

Neste tipo de argumento, o passado histórico é alterado num ponto nevrálgico, designado evento-chave; muitas vezes um evento em si pouco significativo. Como uma bola de neve colina abaixo, as consequências da alteração se propagam através dos séculos, culminando na construção de um background histórico inteiramente diverso daquele que aprendemos na escola. A trama se desenrola em geral num presente alternativo (1). O tour-de-force deste tipo de enredo reside quase invariavelmente nas diferenças entre a Terra Alternativa e o nosso próprio mundo. Muitas vezes a ação deixa algo a desejar e ainda assim, devido à riqueza do background, o resultado final agrada o leitor.

O que talvez não esteja muito claro é a possibilidade de haver uma Terra Alternativa que não estivesse inserida num universo alternativo. Afinal, as alterações na história da vida humana na Terra implicariam cedo ou tarde, em alterações em nível de Sistema Solar, dos sistemas estelares mais próximos, e assim por diante, ad infinitum.

Quando se pensa em enredos de Terra Alternativa, normalmente se imagina que o evento-chave seja uma alteração num ponto qualquer da história. Há coisa de quinze anos alguns autores começaram a colocar os seus eventos-chave não na história humana, mas sim na história natural. Veremos casos de eventos-chave de caráter biológico, geofísico e astronômico.

Alguns autores colocam como eventos-chave diferenças na própria evolução biológica terrestre. É o caso de Harry Harrison na trilogia A Oeste do Éden, cujo primeiro volume foi publicado pela Gradiva, de Portugal. O evento-chave é a ausência do impacto de um meteorito gigante que acarretou a extinção dos dinossauros, na nossa Terra. Na época atual, uma espécie de dinossauro bípede racional, as Yilâne, fugindo da glaciação na Europa e África, descobrem uma Améri-

rica do Norte habitada por mamíferos superiores, inclusive duas espécies de primatas racionais, os Tanu-Sasku (humanos como nós) e os Paramutans (peludos e dotados de cauda pênsil).

O elemento principal dessa trama é a escalada do conflito entre as dinossauras e os humanos. A espécie civilizada são as Yilâne, detentoras de uma biotecnologia sofisticada, em bora algo inverossímil. Aliás, a própria abordagem dos dinossauros adotada pelo autor é inadequada demais para o meu gosto. Outra implausibilidade relativa, mas reconfortante, é a capacidade mostrada por uma cultura mesoneolítica, como a humana, de resistir aos autênticos processos de genocídio sistematicamente desencadeados por uma civilização poderosa.

Uma ou duas críticas literárias feministas tentaram desmerecer essa trilogia, pelo fato do autor colocar os êxitos militares dos mocinhos humanos machos contra as vilãs Yilâne fêmeas (3). Não creio que seja uma crítica lá muito pertinente. Afinal, a saga de Eden é não só o trabalho mais ambicioso de Harrison, mas de fato um dos melhores. Além disso, tenho a impressão que o chauvinismo não estava nos planos do autor. Tanto é assim que o protagonista humano criado pelas Yilâne só se sente atraído por uma mulher, que toma como esposa. Ela tinha uma deformidade facial que a tornava semelhante a uma Yilâne.

No romance Fenda no Espaço, número 79 da coleção portuguesa Europa-América, Philip K. Dick situa sua Terra Alternativa num universo paralelo onde os Homo Erectus, evoluídos e dotados de capacidades paranormais, criaram uma civilização de caráter planetário cujo nível tecnológico equivaleira, a grosso modo, ao da humanidade do século XVII.

Harry Turtledove, o moderno papa dos enredos de Terras Alternativas, escreveu uma série de contos e noveletas, reunidos num outro fix-up, A Different Flesh, na qual propõe dar um passo além de Dick, ao imaginar os dilemas éticos e as novas perspectivas propostas à humanidade quando Colombo chega à América e a descobre habitada não por ameríndios, mas sim por Homo Erectus, mastodontes e tigres dentes-de-sabre. Os diferentes trabalhos se passam em vários períodos históricos, desde os primeiros núcleos urbanos coloniais até os dias de hoje, onde a pesquisa contra a AIDS avança a passos rápidos, graças ao discutível emprego dos semi-humanos como cobaias.

Em Universos Paralelos (Two Hawks from Earth), Farmer propõe um evento-chave de caráter geofísico no mínimo inusitado: a história humana numa Terra Alternativa em que o continen-

te americano simplesmente não existe. Sem a América, não há milho e tabaco; gonorréia e sífilis; perus e lhamas. Contudo, existem tribos pele-vermelhas... na Europa Oriental! Civilizados, os povos dessa raça, ocupam as regiões e os papéis históricos preenchidos em nosso mundo pelos eslavos.

Estamos falando em Terras Alternativas, quando talvez o termo mais correto fosse mundo alternativo. Turtledove desejava es---crever um romance que se passasse num plane ta Marte com atmosfera respirável e habita---do por uma civilização tecnológica autóctone. Bom, este tipo de coisa tinha até o seu charme nos bons e velhos tempos de Edgar Ri ce Burroughs em que ele descrevia as aventu ras de seu John Carter em Barsoom. Mas hoje, só o Bradbury consegue fazer isso impunemen te. Mas o que um autor talentoso quer, em gē ral consegue. Se um Marte tipo Barsoom não é possível naquele árido mundo de areias a-vermelhadas nas quais as Viking pousaram, não há problema. Basta propor um Marte Al---ternativo.

Em A World of Difference, a Terra é exa---tamente igual à nossa, exceto que não existe um Planeta Vermelho em seus céus notur---nos. Em seu lugar, há Minerva, um mundo de dimensões terrestres, com oceanos de água e atmosfera de azoto-oxigênio bem parecidos com os de nosso planeta. A trama aborda pro blemas da primeira expedição humana a Miner va e o seu envolvimento no conflito ente du as facções políticas locais.

UMA HISTÓRIA SERTANEJA ALTERNATIVA

JOSÉ J. VEIGA É CONSIDERADO por muitos como o maior fantasista brasileiro da atualidade. Desde o final da década de 1950 seus traba---lhos vêm sendo publicados sob a forma de ro---mances-e coletêneas de contos. Seus textos abordam por vezes temáticas próximas às tipi camente encontradas em trabalhos convencionais de FC&F. A narrativa, contudo, é sempre conduzida num tom propositada e decididamen te interiorano, e muitas vezes com uma mensa gem edificante e uma crítica social implícita no contexto.

Em 1989, Veiga lançou o romance A Casca da Serpente pela Bertrand Brasil. Não é um trabalho de FC&F. Pelo menos, não se encaixa dentro da concepção ortodoxa que a maioria mantém em relação a esse gênero literário. Cu riosamente, trata-se de um texto com fortes elementos de história alternativa.

O evento-chave teria sido a sobrevivência de Antônio Conselheiro, líder do levante de Canudos, no início da República, ainda no sé culo XIX. Em nosso mundo, Conselheiro tombou quando as tropas federais conseguiram final mente vencer os revoltosos e destruir o vila rejo de Canudos.

Na alternativa proposta por Veiga, o velho líder teria conseguido escapar com alguns de seus seguidores mais fiéis. Depois de algum

tempo, eles conseguem erigir uma nova comuni dade numa serra íngreme dos sertões do norte da Bahia.

O caminho escolhido por veiga é aquele que costumamos designar história do herói alter nativo. Essa subvertente pouco explorada dos enredos históricos alternativos caracteriza se por dois aspectos principais: a) a maior parte da ação transcorre na vizinhança espa çotemporal do evento-chave, e não num supos to presente alternativo; e b) esse evento cha ve se encontra quase sempre associado à sobre vivência de um personagem histórico, ou a al guma decisão fulcral que esse personagem te---ria tomado.

Na literatura de FC&F existem alguns bons exemplos de histórias de heróis alternativos. No conto Departures de Harry Turtledove, Maomé se converte a fé cristã e o islamismo jama is é fundado. Já em Roncesvalles de Judith Tarr, o Islã leva a melhor, quando Carlos Mag no volta-se para o credo muçulmano, quando descobre que a retaguarda de seus exércitos fora atacada nos Pirineus não pelos mouros, mas sim por mercenários a soldo de Bizâncio.

Ignoro se Veiga é ou não um conhecedor des sas tradições literárias. Mas o fato é que ele inicia sua narrativa com a fuga de Antô---nio Conselheiro nos últimos dias de Canudos. Boa parte do romance se dedica aos aconteci---mentos que teriam se dado nos primeiros dias após essa fuga.

Ao longo de uns pouco meses, Conselheiro consegue erigir uma nova comunidade, segundo ele, Canudos passado a limpo. Em paralelo à luta dos sertanejos para construir uma nova u topia, o autor vai gradativamente descaracte rizando o velho líder religioso. É um fato concreto que a proximidade da morte tem o po der de modificar a maneira de ser de uma pes soa. Mas a mudança que Veiga propõe de Antô---nio Conselheiro para Tio Antônio é radical de mais para que a julguemos verossímil. Do lí---der carismático e autoritário, de uma religio sidade beirando o fanatismo, e incapaz de di s---cutir suas decisões com os subordinados, o ve lho Antônio torna-se da noite para o dia um democrata convicto, imbuído de fortes tendên cias anárquicas. Abandona o hábito religioso em favor das vestimentas civis. Raspa a longa barba e tosa a vasta cabeleira. Torna-se mais aberto, às opiniões alheias. Um homem inteira ramente novo: pragmático e bem pouco preocupa do com rezas e questiúnculas religiosas. A ma ior prova de que o autor estava consciente da mudança abrupta implementada à personalidade de Antônio Conselheiro é o próprio título do romance.

A nova comunidade cresce, à medida que re cebe a adesão de sertanejos e retirantes, atra ídos como moscas pelas fama do ex-beato. Mas, a essa notoriedade acaba se sobrepondo àquela da formação social perdida nos consfins do sertão. Um vilarejo sem líderes autoritários, onde o mais humilde dos trabalhadores poderia expressar verbalmente suas idéias e preocupa

ções sem medo durante as reuniões comunais. Humanistas e homens de ciência se sentem naturalmente atraídos para aquela comunidade sui generis, e acabam travando contato com o novo Antônio Conselheiro, um líder laico, pragmático e democrata.

A narrativa só se aproxima do presente alternativo nas últimas duas páginas, nos quatro últimos parágrafos. O leitor é então sucintamente informado que a Concorrência de Itati mundé, o vilarejo fundado pelos sobreviventes dos Canudos, teria perdurado por cerca de setenta anos, servindo como modelo para muitas outras comunidades semelhantes, criadas em vários países, nas mesmas bases de cooperação e igualdade.

Finalmente, o autor acrescenta que essa comunidade original teria sido varrida do mapa em 1965 (Pelos militares vitoriosos no golpe do ano anterior? Veiga deixa a questão em aberto). Os solos onde a Concorrência teria existido por quase três quartos de século foram transformados num depósito de lixo atômico, administrado por uma indústria química multinacional.

NOTAS DO PRIMEIRO ARTIGO:



Harry Harrison

- (1) = Existem algumas excessões notáveis. O Agente de Bizâncio, um fix-up saboroso de Turtledove, se passa num século XIII alternativo onde Maomé jamais fundou o Islamismo e o Império Bizantino é a grande potência européia. O episódio "Mirror, Mirror", escrito por Jerome Bixby para a série clássica de Star Trek, decorreu num futuro alternativo (em relação ao futuro-padrão do universo da série) onde os romanos teriam ocupado o Sistema Solar durante várias gerações, provocando uma reação militarista que, após expulsos os invasores, teria gerado o Império Humano.
- (2) = Os três romances que compõem a trilogia são, no original, West of Eden (1984); Winter in Eden (1986) e Return to Eden (1988).
- (3) = As fêmeas Yilâne são as verdadeiras cabeças pensantes da espécie. Os machos são meros objetos sexuais. São os machos, aliás, que ficam grávidos.

